

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO**

Daniela Fernanda Assis de Oliveira Spudeit

**O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE DOS BIBLIOTECÁRIOS EM SANTA CATARINA**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, área de concentração Gestão da Informação, linha de pesquisa Profissionais da Informação.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Miriam Figueiredo Vieira da Cunha

Florianópolis

2010

Catálogo na fonte elaborada pela biblioteca da  
Universidade Federal de Santa Catarina

S772p Spudeit, Daniela Fernanda Assis de Oliveira  
O processo de socialização na construção da identidade  
dos bibliotecários em Santa Catarina [dissertação] / Daniela  
Fernanda Assis de Oliveira Spudeit ; orientadora, Miriam  
Figueiredo Vieira da Cunha. - Florianópolis, SC, 2010.  
1 v.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-  
Graduação em Ciência da Informação.

Inclui bibliografia

1. Ciência da informação. 2. Perfil profissional.  
3. Socialização profissional. 4. Bibliotecários. I. Cunha,  
Miriam Figueiredo Vieira da. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.  
III. Título.

CDU 02

Daniela Fernanda Assis de Oliveira Spudeit

## **O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS BIBLIOTECÁRIOS EM SANTA CATARINA**

Este (a) Dissertação/Tese foi julgado(a) adequado(a) para obtenção do Título de “Mestre”, e aprovad (o) a em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 29 de novembro de 2010.

---

Prof<sup>ª</sup>. Lígia Maria Arruda Café, Dr<sup>ª</sup>.  
Coordenador do Curso

### **Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>ª</sup>., Dr<sup>ª</sup>. Miriam F. Vieira da Cunha,  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof., Dr. Valdir José Morigi,  
Avaliador  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elizete Vieira Vitorino,  
Avaliadora  
Universidade Federal de Santa Catarina



## AGRADECIMENTOS

À Deus, pela benção da vida, tudo que sou e tenho devo a Ele, glórias a ti Senhor.

Aos meus pais, César e Marilú, pelo incentivo, pelo carinho, pelo investimento na minha educação, sempre me apoiaram nas minhas escolhas e me guiaram pelo caminho correto em todos os sentidos da minha vida pessoal.

Ao meu marido Willian, por todo apoio e compreensão pelo meu nervosismo e pela minha ausência, por ouvir meus desabafos e minhas angústias, pela paciência em todos os momentos, foi vital para eu alcançar esta meta.

À minha filha Gabriela, minha razão de viver, a flor preciosa do meu jardim, o presente que Deus me deu, obrigada por tantos conhecimentos e alegrias que me proporciona.

À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ao Programa de Pós- Graduação em Ciência da Informação, pela oportunidade em realizar este Mestrado gratuito e de qualidade.

Ao Senac Santa Catarina, pelo incentivo para eu estudar, me capacitar e poder realizar este mestrado, mesmo tendo que me ausentar do trabalho inúmeras vezes.

Às minhas colegas de trabalho do Senac, que supriam minha ausência na biblioteca, para eu poder me dedicar às aulas e aos estudos do mestrado.

À Professora Miriam Vieira da Cunha, minha orientadora, por quem tenho grande carinho e admiração, pela sua valiosa colaboração durante a realização da minha pesquisa, que soube lapidar esta dissertação como uma obra de arte, por meio de sua sabedoria e experiência.

Aos meus colegas do mestrado Ana Claudia, Ana Paula, Elisangela, Karla, Rodrigo, Dilva, Romário, Amanda, Claudia, Vagner, Rochele, Karyn, pelo companheirismo e troca de ideias.

Aos Professores do PGCIN: Edna Lúcia da Silva, Francisco das Chagas de Souza, Raimundo Nonato Macedo dos Santos, Elizete Vieira Vitorino, Gregório Varvakis Rados, Úrsula Blattman, Magda Teixeira Chagas. A todos meu eterno agradecimento pelos valiosos conhecimentos que ensinaram.

Aos bibliotecários e estudantes de Biblioteconomia que me inspiraram a investigar essa temática para poder compreender um pouco sobre quem somos e o que fazemos.

Aos profissionais que aceitaram participar dessa pesquisa e ajudaram na obtenção dos resultados dessa investigação.

Agradeço também aos colegas da Diretoria da ACB e aos amigos bibliotecários, principalmente Fabiane Fuhr, Diego Abadan, Osias do Rosário, Evandro Jair Duarte, Noeli Viapiana, Inez Borszcz e Camila Monteiro Barros.

Enfim, a todos que de uma forma ou outra contribuíram para que mais esta etapa da minha vida se realizasse. **MUITO OBRIGADA!**

## RESUMO

Este estudo tem por objetivo compreender como a socialização contribui no desenvolvimento do processo de identidade do bibliotecário. Os objetivos específicos foram: identificar o perfil dos bibliotecários, identificar os motivos que despertaram a escolha pela profissão de bibliotecário, identificar as formas de inserção do bibliotecário no mundo do trabalho e verificar o modelo de profissão construído pelos bibliotecários durante a socialização. A conceituação teórica de socialização e identidade utilizada neste trabalho de pesquisa está fundamentada nas teorias de Hughes (1958) e Dubar (2005). A pesquisa é de cunho empírico com abordagem qualitativa. Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2004). O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada. Seus sujeitos são bibliotecários registrados na 14ª Região do Conselho Regional de Biblioteconomia, graduados em 2006 na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que exercem a profissão de bibliotecário. As variáveis da pesquisa foram: idade, sexo, instituição de formação, formação complementar, local de trabalho, experiência profissional. Os dados foram analisados tendo como parâmetro o Modelo de Socialização Profissional de Hughes (1958), com três etapas: passagem através do espelho, instalação da dualidade e ajuste da concepção de si. Com esta pesquisa, foi possível compreender a contribuição da socialização na construção da identidade dos bibliotecários formados pela UDESC e pela UFSC. Segundo as respostas dos entrevistados, foi possível perceber que o interesse pela profissão foi despertado pelos interesses e oportunidades que tiveram e pelo gosto da leitura. Conforme os entrevistados, o curso foi escolhido por ser pouco concorrido. Muitos deles não conheciam a profissão e se identificaram com ela no decorrer do curso. Tiveram influência de familiares e amigos que conheciam a profissão, comprovando que a socialização primária foi vital para a escolha da profissão. A identidade dos entrevistados foi construída por meio das relações pessoais e profissionais e com o ambiente de trabalho. A sua inserção profissional foi feita principalmente por indicação de colegas que já estavam atuando na área, comprovando a influência das relações sociais nessa etapa. Em relação ao modelo de profissão, percebe-se nos depoimentos, as três etapas de socialização do modelo de Hughes (1958). As respostas desta pesquisa evidenciaram que, no

processo de construção da identidade profissional, os bibliotecários tiveram uma imersão na cultura profissional, a primeira etapa da socialização profissional. A seguir, passaram pelo choque de realidade. Esta é a segunda fase em que o profissional percebe a diferença entre o modelo ideal de profissão e o real presente no cotidiano profissional. Na terceira etapa, ou ajuste da concepção de si, o indivíduo refaz seu modelo profissional com base na imagem idealizada e a imagem real de profissão. Conclui-se que a identidade profissional está sempre se construindo no decorrer da vida do bibliotecário, de acordo com suas vivências, experiências, do meio em que está inserido e das mudanças do mundo do trabalho. Esse ambiente exige novas competências profissionais e faz com que o modelo profissional se altere, modificando, dessa forma, a identidade do bibliotecário.

**Palavras-chave:** Identidade Profissional. Socialização Profissional. Bibliotecário



## ABSTRACT

This study aims to understand how socialization contributes in the development of librarians identity process . The specific objectives were to identify the profile of librarians, identify the reasons which raised the interest in the profession, to verify the forms of insertion of the librarian in the labour market and to identify the model of profession constructed during socialization. The theoretical concept of socialization and identity used in this study is based on the theories of Hughes (1958) and Dubar (2005). It is an empirical research with qualitative approach. For the data analysis we used Bardin's(2004) technique for analysis. The gathering of data was carried out via a semi-structured interview. The objects of the interview were librarians registered at 14<sup>a</sup> "Região do Conselho Regional de Biblioteconomia", graduated in 2006 at the Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) and at the Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), all of them working as librarians. The variables of the research were : age, sex, college where they studied, complementary education, place of work and professional experience. The data was analyzed according Hughes (1958) model of professional socialization in three stages: passage through the mirror, establishment of duality and the adjustment of the conception of self. Through this research we were able to understand the contribution of socialization in the building of the identity of librarians graduated at UDESC and at UFSC. According to the answers of the interviewees we observed that the interest for the profession was raised by the interests and opportunities they had and by their interest in reading. The course was chosen because it is one that has fewer candidates. Many of the interviewees were not familiar with the profession and identified in the university. They were influenced by family members and friends who knew the profession, which proves that primary socialization was fundamental in the selection of the profession. The identity of the interviewees was built through personal and professional relations and in the workplace. Their professional insertion was enabled mainly through the recommendation of colleagues who were already working in the area, which proves the influence of social relations in this stage. In relation to the model of the profession we noticed in the answers to the interview Hughes (1958) model socialization. The answers gave evidence that in the process of building of professional identity, the librarians merged in the professional culture, which is the first stage of

socialization. Then, they experienced the shock of reality. This is the second stage where the professional becomes aware of the differences between the ideal model of profession and the day by day realities of their profession. In the third stage, the adjustment of the conception of self, the individual rebuilds his/her professional model based on the idealized image and the real image of the profession. We conclude that the professional identity is in a constant rebuilding process throughout the life of a librarian, according to his/her experiences, his/her environmental context and the changes in the workplace. This environment demanded new professional competences, causing the professional model to change and thus, changing the librarians identity.

**Keywords:** Professional socialization. Professional identity. Librarian

## RESUMEN

Este estudio tiene por objetivo comprender como la socialización contribuye en el desarrollo de los procesos de identidad del bibliotecario. Como objetivos específicos se buscó identificar el perfil de los bibliotecarios, identificar las razones que despiertan interés por la profesión; verificar las formas de inserción de los bibliotecarios en el mercado de trabajo; e identificar el modelo de profesión construido durante la socialización. La conceptualización teórica de socialización e identidad utilizada en este trabajo de pesquisa está fundamentada en las teorías de Hughes (1958) y Dubar (2005). La pesquisa es de cuño empírico con abordaje cualitativo. Para el análisis de los datos fue utilizada la técnica de análisis de contenidos de Bardin (2004). El instrumento de colecta de datos fue una entrevista semi-estructurada. Sus sujetos son bibliotecarios registrados en la 14ª Región del Consejo Regional de Biblioteconomía, graduados en 2006, en la Universidad del Estado de Santa Catarina (UDESC) y en la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC) que ejercen la profesión de bibliotecario. Las variables de la pesquisa fueron: edad, sexo, institución de formación, formación complementaria, local de trabajo, experiencia profesional. Los datos fueron analizados teniendo como parámetro el Modelo de Socialización Profesional de Hughes (1958), con tres etapas: pasaje a través del espejo, instalación de la dualidad y el ajuste de la concepción de si mismo. A través de esta pesquisa, fue posible comprender la contribución de la socialización en la construcción de la identidad de los bibliotecarios formados por la UDESC y por la UFSC. Según las respuestas de los entrevistados fue posible percibir que el interés por la profesión fue despertado por los intereses y oportunidades que tuvieron y por el placer de leer. Según los entrevistados, el curso fue escogido por ser poco concurrido. Muchos entrevistados no conocían la profesión y se identificaron con ella en el curso. Tuvieron influencia de familiares y de amigos que conocían la profesión. La identidad de los entrevistados fue construida a través de las relaciones personales y profesionales y en el espacio de trabajo. Su inserción profesional fue hecha principalmente por indicación de colegas que ya estaban actuando en el área, comprobando la influencia de las relaciones sociales en esta etapa. Con relación al modelo de profesión, se percibe en los relatos, las tres etapas de socialización del modelo de Hughes (1958). Las respuestas de esta pesquisa evidenciaron que en el proceso de

construcción de la identidad profesional, los bibliotecarios tuvieron una inmersión en la cultura profesional, la primera etapa de la socialización profesional. Enseguida pasaron por el choque de la realidad. Esta es la segunda fase en que el profesional percibe la diferencia entre el modelo ideal de profesión y lo real presente en el cotidiano profesional. En la tercera etapa, o ajuste de la concepción de si mismo, el individuo rehace su modelo profesional con la imagen idealizada y la imagen real de profesión. Concluyese que la imagen profesional está siempre se construyendo en la vida del bibliotecario de acuerdo con sus vivencias, experiencias, del medio en que está inserido y de las mudanzas del mundo de trabajo. Este ambiente exige nuevas competencias profesionales y hace con que el modelo profesional se altere, modificando, de esta forma, la identidad del bibliotecario.

**Palabras claves:** Identidad Profesional. Socialización Profesional. Bibliotecario.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACB - Associação Catarinense de Bibliotecários  
CBO – Classificação Brasileira de Ocupações  
CED – Centro de Ciências da Educação  
CEE – Conselho Estadual de Educação  
CFB – Conselho Federal de Biblioteconomia  
CIN – Departamento de Ciência da Informação  
CRB – Conselho Regional de Biblioteconomia  
ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação  
FAED – Centro de Ciências Humanas e da Educação  
FEBAB - Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários  
PGCIN – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação  
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina  
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina  
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>27</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>31</b>
2.1 OS PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO.....	31
2.2 PROFISSÕES .....	35
<b>2.2.1 A Socialização Profissional.....</b>	<b>41</b>
2.2.1.1 <i>A escolha da carreira.....</i>	<i>43</i>
<b>2.2.2 O Modelo de Socialização Profissional de Hughes .....</b>	<b>45</b>
2.3 IDENTIDADE PROFISSIONAL .....	47
2.4 A IDENTIDADE DO BIBLIOTECÁRIO.....	51
2.5 A BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA .....	59
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>65</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	65
3.2 UNIVERSO E AMOSTRA DA PESQUISA .....	67
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	68
3.4 PROCEDIMENTO DE TRATAMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS .....	69
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>71</b>
4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS .....	71
4.2 MOTIVAÇÕES DA ESCOLHA DA PROFISSÃO .....	74
4.3 A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO .....	79
4.4 PERCEPÇÕES SOBRE A PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO	85
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>107</b>
<b>BIBLIOGRAFIAS.....</b>	<b>119</b>
<b>APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO E SOLICITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO .....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE B -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>129</b>
<b>APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI- ESTRUTURADA .....</b>	<b>131</b>





## 1 INTRODUÇÃO

As relações sociais são constantes, caracterizando e transformando as organizações humanas ao longo da história. Ao nascer, o indivíduo ingressa em seus primeiros mundos sociais: a família, a creche, o orfanato, escola, universidade, entre outros. Além de lhe garantir a sobrevivência física e psíquica, esses ambientes moldam seus valores sociais.

Em centros comunitários, no local de trabalho, numa associação profissional ou num asilo, os indivíduos estão constantemente passando por processos de socialização que trazem expectativas, tensões, realizações, decepções, alegrias, sofrimentos e desafios.

Os estudos sobre a problemática da socialização são abundantes no campo de Sociologia da Educação. A socialização, segundo Dubar (2005, p. 23), “não é apenas transmissão de valores, normas e regras, mas desenvolvimento de determinada representação do mundo. É um processo de identificação, de construção da identidade, ou seja, de pertencimento e de relação”. Socializar-se é assumir seu pertencimento a um grupo, isto é, assumir suas atitudes, a ponto de elas guiarem a conduta pessoal e profissional. Os estudos desse autor elucidam os processos de socialização pelos quais as identidades profissionais se constroem e se reconstróem ao longo da vida.

Antes de se identificar com um grupo profissional, o indivíduo possui uma identidade. A escola constitui um momento decisivo para a construção da primeira identidade social. É no processo de entrada na profissão, no início da carreira, que acontece a socialização secundária, ou seja, ocorre a aquisição de competências determinadas e a inserção do indivíduo em um ambiente social específico.

Deste modo, o enfoque desta pesquisa, se dá a partir da análise da construção da identidade, baseada no processo de socialização profissional dos bibliotecários formados em Santa Catarina, no ano de 2006 pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), cuja fundamentação teórica de socialização e de identidade está baseada nos estudos de Hughes (1958) e Dubar (2005).

É importante pesquisar este tema devido ao atual contexto social no qual os bibliotecários estão inseridos, para que se possa compreender como se percebem e como se formam na condição de profissionais da

informação<sup>1</sup>. A informação atualmente é o vetor da economia e do mundo do trabalho. Nesse sentido, este estudo é importante para a compreensão da construção da identidade desses profissionais.

Existem várias pesquisas relacionadas à imagem e estereótipos profissionais dos bibliotecários que nortearam este estudo, como Oliveira (1983), Passos e Santos (2005), Barbalho e Rozados (2005), Walter e Baptista (2008), Silva (2009) e Silva e Gomes (2010), entre outros.

Pensar sobre a identidade do bibliotecário envolve analisar as exigências para qualificação profissional, as novas tecnologias, as mudanças no mundo do trabalho, as práticas e as competências profissionais bem como a conjuntura social em que ele está inserido e os fatores que influenciam tal contexto.

Em Santa Catarina, a formação de bibliotecários começou na década de 70 com a implantação de dois cursos de Biblioteconomia, sendo um na Universidade Federal de Santa Catarina e outro na Universidade do Estado de Santa Catarina.

Na UFSC, o Curso de Biblioteconomia foi implantado em 1973 por iniciativa da bibliotecária Alvaceli Lusa Braga que, na qualidade de Diretora da Biblioteca Central da UFSC, sentiu a necessidade de preparar o pessoal para as atividades técnicas (CALDIN et al, 1999). Atualmente o curso tem duração de quatro anos, oferece 80 vagas anuais no período noturno por meio do ingresso via vestibular. Na UDESC, o curso de Biblioteconomia, criado em 23 de outubro de 1973 por meio dos professores Nilson Paulo e Mitsi W. Taylor (UDESC, 2005). Anualmente, são oferecidas 40 vagas nos períodos matutino e vespertino com ingresso via vestibular com duração de quatro anos. O bacharel de Biblioteconomia formado pela UDESC recebe a habilitação em Gestão da informação.

Além de analisar esse contexto em que os bibliotecários de Santa Catarina estão inseridos, é importante considerar outros fenômenos como a tecnologia que alterou significativamente o mundo do trabalho, o fazer profissional, os locais de trabalho e as formas de inserção profissional<sup>2</sup> do bibliotecário. A análise da construção da identidade dos

---

<sup>1</sup> Para Almeida Júnior (2000, p. 32) profissional da informação “[...] é um termo, uma designação não específica do bibliotecário, mas que abrange um grupo de profissionais que atuam tendo como base a informação em seus vários aspectos, abordagens, suportes e momentos”.

<sup>2</sup> Inserção profissional segundo Vémieres (1997, p. 11) pode ser definida como “[...] o processo pela qual os indivíduos, não tendo nunca pertencido à população ativa, acedem a uma posição estável no sistema de emprego”.

bibliotecários possibilita compreender como pensam, agem e se desenvolvem profissionalmente e conhecer o contexto em que vivem.

A escolha deste tema decorreu da experiência como Diretora Técnica da Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB), quando surgiram questionamentos relativos ao “ser bibliotecário”. Por meio da convivência e da relação com estudantes de Biblioteconomia na supervisão de estágios curriculares nos últimos semestres da graduação, também foram percebidas essas preocupações e sentimentos contraditórios que permeiam a imaginação do bibliotecário sobre sua prática e atuação profissional no início da carreira.

Cabe enfatizar que o processo de construção da identidade engloba a formação acadêmica, a formação profissional e as experiências em diferentes contextos e espaços de socialização. Pensar sobre profissão implica considerar a socialização profissional, um processo que compreende atitudes, crenças e formas de capacitação que resultam na definição da identidade profissional.

Desse modo, o objetivo geral deste estudo é compreender como a socialização contribui para o processo de construção da identidade do bibliotecário. Os objetivos específicos foram: identificar o perfil dos bibliotecários, identificar os motivos que despertaram a escolha pela profissão de bibliotecário, identificar as formas de inserção do bibliotecário no mundo do trabalho e verificar o modelo de profissão construído pelos bibliotecários durante a socialização profissional.

A partir deste capítulo introdutório, a dissertação estrutura-se em quatro capítulos, sendo que, o segundo capítulo discorre sobre as temáticas que envolvem o objeto desta pesquisa: os processos de socialização, as profissões, a socialização profissional, a escolha da carreira, a identidade profissional e contextualiza a Biblioteconomia em Santa Catarina. O terceiro capítulo apresenta as escolhas metodológicas que nortearam a pesquisa, a técnica de análise de conteúdo, o instrumento de coleta de dados, as variáveis e os sujeitos da pesquisa. No capítulo quarto, são analisados e discutidos os resultados da pesquisa focando no perfil dos entrevistados, nas motivações da escolha da profissão, nas formas de inserção no mercado do trabalho e o modelo de profissional. No último capítulo são apresentadas as considerações finais, principais dificuldades encontradas no estudo e possíveis temas para futuras pesquisas nessa linha de Profissionais da Informação.



## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar teoricamente o tema, analisou-se a literatura relacionada aos processos de socialização, profissões, socialização profissional, escolha da carreira, identidade profissional, os fatores que influenciam a construção da identidade profissional do bibliotecário, assim como o contexto em que essa profissão se desenvolveu.

### 2.1 OS PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO

Cada sociedade impõe aos indivíduos condições de vida, costumes e ideias que determinam um modelo, produto das necessidades da sociedade. Essas necessidades são oriundas das gerações anteriores pautadas historicamente pela organização política, pelo grau de desenvolvimento das ciências e do estado da indústria que impactam os sistemas de educação (DURKHEIM, 2001).

A educação consiste numa socialização metódica. Em cada um, existe dois seres: um é construído com base nos estados mentais que se ligam a si mesmo e aos acontecimentos da nossa vida pessoal: é o que se chama de ser individual. O outro é o sistema de ideias, de sentimentos e de hábitos que exprime o grupo ou os grupos de que fazem parte: as crenças religiosas, as práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais e as opiniões coletivas. O seu conjunto forma o ser social, que é a finalidade da socialização (DURKHEIM, 2001, p. 53).

De acordo com esse autor (2001, p. 54) “(...) a sociedade encontra-se, a cada geração, em presença de uma tábua quase rasa sobre a qual é preciso construir tudo de novo”. É um produto humano, um produto social formado por processos sociais (BERGER; LUCKMANN, 2009).

Os estudos clássicos da Sociologia apontam dois espaços de socialização tradicional – a família e a escola. Neste processo de socialização, a família é responsável pelos ensinamentos de caráter privado. A escola é responsável pela construção de indivíduos morais e eticamente comprometidos com o ideal público. Esses ambientes têm a responsabilidade de forjar a personalidade de um novo sujeito social, segundo Durkheim (1978). A reflexão deste autor é pertinente para compreender as motivações e a ação individual atrelada a um projeto construído por um conjunto de instituições sociais.

Berger e Luckmann (2009) aprofundam essa análise, trazendo um avanço em relação às concepções acerca do processo socializador. Fazem uma abordagem do processo de construção social da realidade, percebendo a socialização com base em uma mudança social e não apenas como resultado da relação entre o indivíduo e a sociedade.

Para Durkheim (2001, p. 10) “(...) a mudança social é um processo de transformação de uma identidade adquirida na socialização primária, na qual o indivíduo forma a sua estrutura social básica, na família e na escola”. As abordagens culturais e funcionais da socialização, de acordo com Dubar (2005, p. 97), “constituem uma incorporação de maneiras de ser (de sentir, de pensar e de agir) de um grupo, de sua visão de mundo e da sua relação com o futuro, das suas posturas corporais e das suas crenças íntimas”. Essa incorporação se dá mediante dois fenômenos: a socialização primária e a socialização secundária.

Dubar (2005, p. 120) define socialização como “(...) a imersão dos indivíduos no que denomina 'mundo vivido', que é ao mesmo tempo 'um universo simbólico e cultural' e um 'saber sobre esse mundo'”. Para Dubar (2005, p. 127), “(...) a socialização secundária pode produzir identidades sociais orientadas para a produção de novas relações suscetíveis de se transformar por meio da ação coletiva”.

Segundo Berger e Luckmann (2009, p. 173), “(...) o indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com uma predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade”. Por meio da passagem de três momentos que os autores identificam como exteriorização, objetivação e interiorização, os indivíduos se assumem perante o mundo, estabelecendo identificações, nas quais percebem que todos vivem no mesmo ambiente, e que participam do ser do outro. Somente depois de ter realizado tal grau de interiorização, as pessoas tornam-se membros da sociedade.

Esse processo se inicia na socialização primária, a primeira que indivíduo experimenta e que ocorre inicialmente por meio da

interiorização a interpretação de acontecimentos objetivos dotados de sentido, isto é, a manifestação de processos subjetivos que se tornam significativos para o indivíduo. Conforme Dubar (2005, p. 121),

(...) a socialização primária assegura simultaneamente 'a posse subjetiva de um eu e de um mundo' e, portanto, a consolidação dos papéis sociais. A escola desempenha um papel decisivo na distribuição social dos saberes. Os saberes dos adultos 'socializadores' e suas relações com os 'socializados' constitui, assim, a chave essencial para a compreensão dos mecanismos e dos resultados da socialização primária.

Essa socialização termina quando o conceito de outro é formado na consciência do indivíduo. Nesse momento, ele se torna um membro efetivo da sociedade e cria uma personalidade. De acordo com Berger e Luckman (2009, p. 184), “essa interiorização da sociedade, da identidade e da realidade nunca está acabada. A socialização primária fornece a estrutura básica do processo de socialização e influencia a formação da socialização secundária”.

Segundo os mesmos autores (2009, p. 175), “a socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade”.

Tal socialização é a interiorização de “submundos” institucionais, isto é, pautados em instituições. Esses “submundos” são realidades parciais em contraste com o “mundo básico”, adquirido na socialização primária. A socialização secundária é concretizada pela aquisição de competências específicas com base na divisão do trabalho e da interiorização de um campo semântico que estrutura as interpretações e condutas de rotina na área de atuação do sujeito (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 184).

Os saberes profissionais compreendem um vocabulário, um programa formalizado e um universo simbólico que veiculam uma concepção de mundo. Ao contrário dos saberes da socialização primária,

os saberes profissionais são definidos e construídos com referência a um campo especializado de atividade (DUBAR, 2005).

Os saberes ligados ao trabalho, segundo Tardif e Raymond (2000, p. 211) “são construídos progressivamente durante um período de aprendizagem que varia de acordo com cada ocupação, exigindo conhecimentos, competências, aptidões e atitudes específicas”.

O Relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) apresenta quatro pilares da educação para o século XXI e enfatiza que ela deve fornecer os mapas de um mundo complexo e ser a bússola que permitirá navegar neste mundo (DELORS, 1999). Esse autor (1999) aponta como principal consequência da sociedade do conhecimento a necessidade de uma aprendizagem ao longo de toda vida, fundamentada em quatro pilares fundamentais: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser.

Aprender a conhecer significa adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer está relacionado a poder agir sobre o meio; aprender a viver juntos significa participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; e finalmente aprender a ser é a via essencial que integra as três precedentes (DELORS, 1999).

No campo da socialização profissional, o 'saber fazer' e o 'saber ser' envolvem conhecimentos, competências, habilidades e atitudes profissionais. Saber fazer significa associar a técnica ao conhecimento teórico. O 'saber-ser' engloba a postura ética e autônoma dos indivíduos, visto que as atitudes individuais influenciam a coletividade (SILVA; CUNHA, 2002).

Nesse contexto, ‘aprender a fazer’ remete à condição de qualificação e competência. Após a conclusão da graduação, o profissional precisa estar constantemente se qualificando e buscando oportunidades para formação e atualização profissional. É nessa interação com o meio e com outros profissionais, que a socialização interfere na construção da identidade desse indivíduo. O pilar ‘aprender a ser’ direciona para a postura profissional, ou seja, todos os valores que o profissional carrega desde a socialização primária e que foram formados por meio dos diversos campos socializadores, na família, na escola, etc. influenciarão naquilo que o sujeito é como indivíduo, na sua personalidade, na sua postura, em suas atitudes que serão evidenciadas na atuação, na relação com os pares e na prática profissional.

Para compreender como acontece a prática profissional, é necessário analisar o desenvolvimento das profissões, assunto que será abordado no próximo tópico.



## 2.2 PROFISSÕES

O termo profissão é originário da palavra latina *profesione* e remete ao ato ou efeito de professar. Infere a este termo um sentido de confissão pública de uma crença, sentimento, opinião ou modo de ser, conduzindo à concepção de uma atividade ou ocupação especializada, que requer preparo e formação (TARGINO, 2000).

Conforme Freidson (1998, p. 51), o termo profissão refere-se a um “(...) amplo estágio de ocupações prestigiosas e muito variadas, cujos membros tiveram uma educação superior e são identificados pelos saberes específicos acessíveis a seu grupo de educação”. Abbott (1988, p. 8) define as profissões como “(...) grupos ocupacionais exclusivos que aplicam conhecimentos mais ou menos abstratos a casos particulares, com o objetivo de resolver problemas para uma clientela”.

Esses grupos são comunidades que compartilham normas, costumes, identidades e interesses específicos num determinado contexto histórico. Qualquer que seja a forma de definir ‘profissão’, ela é, principalmente, um tipo específico de trabalho especializado (FREIDSON, 1998). Para esse autor, as profissões caracterizam-se por:

- um corpo de conhecimento especializado e abstrato adquirido através de formação superior;
- autonomia no exercício das atividades;
- capacidade de auto-regulamentação;
- autoridade sobre as tarefas executadas em relação ao público;
- ‘expertise’, ou seja, conhecimentos e competências especializados (FREIDSON, 1998).

As profissões distinguem-se em virtude de sua posição relativamente elevada na classificação da força de trabalho. Nesse sentido, uma profissão é uma especialização, ou um conjunto de tarefas desempenhadas pelos membros de uma mesma ocupação (FREIDSON, 1996).

O trabalho especializado requer um conhecimento específico de determinada área. Diniz (2001, p. 87) afirma que existe uma sequência de eventos associados ao desenvolvimento das profissões, a saber:

- criam-se, em primeiro lugar, escolas profissionais;
- em seguida, surgem associações profissionais que procuram garantir para seus membros, através da mobilização do apoio do Estado, vantagens e privilégios ocupacionais com base nas credenciais educacionais;
- o Estado cria para os profissionais ‘reservas de mercado’ na burocracia pública, isto é, posições e cargos reservados aos diplomados pelas escolas profissionais;
- as associações mobilizam-se para ampliar a ‘reserva’ e, com o apoio do Estado, excluir do mercado de trabalho e de serviços;
- o Estado regulamenta as profissões, criando monopólio;
- conquista-se o monopólio da prestação de serviços, as profissões tentam criar ‘escassez’ pela restrição do acesso às credenciais acadêmicas, isto é, pelo controle da ‘produção de produtores’.

Duas instituições legitimam as profissões: por um lado, as entidades de classe que mobilizam e garantem os privilégios da profissão e por outro, o Estado que apoia essas entidades e regulamenta a profissão.

Para Rodrigues (2002, p. 8), "(...) uma profissão emerge quando um número definido de pessoas começa a praticar uma técnica fundada sobre uma formação especializada, dando resposta a necessidades sociais."

A profissionalização, dessa forma, pode ser descrita, segundo Freidson (1998, p. 98)

como um processo pelo qual uma ocupação obtém o direito exclusivo de realizar um determinado tipo de trabalho, controlar o treinamento para ele e o acesso a ele e controlar o direito de determinar e avaliar a maneira como o trabalho é realizado.

Segundo Rodrigues (2002), três pressupostos definem o conceito de profissão:

- o estatuto profissional resulta do saber científico e prático e do ideal de trabalho, corporizados por comunidades formadas em torno da mesma classe de saber, dos mesmos valores e ética de serviço;
- o reconhecimento social da competência é adquirido por meio de uma formação longa. O conhecimento é a variável central. Para se alcançar o estatuto de profissão, são necessários elevados níveis de conhecimento e dedicação;
- as instituições profissionais respondem às demandas sociais: ocupam uma posição intermediária entre necessidades individuais e sociais.

De acordo com Crivellari e Cunha (2009, p. 139) “para a Sociologia, a relevância dos estudos sobre as profissões está relacionada à estruturação da sociedade contemporânea e às formas de relação entre os membros de um grupo social vinculado à mesma profissão”.

Muitos estudos históricos permitem observar e concluir que as formas de organização profissional resultam de processos históricos contingentes, quase sempre envolvendo tensões, processos de negociação e conflito, diferentes agentes e segmentos, que assumem particular relevo à diversidade interna e à estratificação do próprio grupo; por outro lado, existe uma grande diversidade de ideologias que se opõem à defesa de papéis sociais (RODRIGUES, 2002).

Para Abbott (1988), cada profissão evolui de forma diferente e está em constante crescimento sofrendo influências do meio. Esse autor considera que as profissões fazem parte de um sistema e são interdependentes. Cada profissão mantém o domínio e o controle de uma “jurisdição”<sup>3</sup> dedicando-se a um conjunto de tarefas. A resistência ou a fragilidade dos laços jurídicos são conseqüências da prática profissional. As profissões estão em permanente disputa, pelo domínio de uma jurisdição específica para garantir seu espaço de trabalho. Abbott (1988) estuda as profissões por meio de sua evolução e de suas relações, enfatizando as disputas por áreas de trabalho, em que cada uma delas influencia e é influenciada pelas outras.

---

<sup>3</sup> A jurisdição é um conceito central na teoria de Abbott (1988, p. 59) e “se refere ao direito à exclusividade da prática profissional por um determinado grupo profissional”.

A principal característica das profissões é o grau de abstração do conhecimento que elas controlam. O fator que habilita uma profissão a sobreviver no sistema é o grau de abstração dos conhecimentos que ela monopoliza. Esse grau é variável no tempo e no espaço (ABBOTT, 1988).

Com o desenvolvimento das sociedades modernas, as profissões passaram a ocupar um lugar central no sistema ocupacional. Historicamente, a possibilidade de a profissão institucionalizar-se constituindo vínculos mais estreitos no interior do sistema social foi dada pelo sistema cultural com a expansão da sociedade moderna. O projeto de profissionalização é visto como uma proposta de implementação de princípios específicos de organização e divisão do mundo social (BARBOSA, 1993).

Rodrigues (2002, p. 8) complementa essa ideia afirmando que "uma profissão emerge quando um número definido de pessoas começa a praticar uma técnica fundada sobre uma formação especializada, dando resposta a necessidades sociais". Desta forma, o processo de profissionalização acontece quando

(...) uma ocupação que exerce autoridade e jurisdição exclusiva simultaneamente sobre uma área de atividade e de formação ou conhecimento, tendo convencido o público de que os seus serviços são os únicos aceitáveis. Os critérios que distinguem ocupação de profissão seriam: trabalho técnico (baseado no conhecimento sistemático ou em doutrina) e adesão às normas do profissionalismo (auto-regulação, procedimentos de credenciamento, etc), distinguindo conhecimento técnico de conhecimento científico (RODRIGUES, 2002).

Existem vários autores que analisam o processo de profissionalização, dentre eles podem ser citados: Abbott (1988), Freidson (1998), Diniz (2001) e Rodrigues (2002). Na sociologia das profissões, existem duas correntes de pensamento: a funcionalista e a interacionista.

Para Rodrigues (2002), a abordagem funcionalista estuda o desenvolvimento das profissões independentemente das mudanças sociais. Assim, sob a perspectiva funcionalista, a socialização é vista

como um processo de manutenção e reprodução da estrutura da sociedade.

A abordagem funcionalista privilegia a estrutura social do profissionalismo. Apesar de o conhecimento ser considerado um traço distintivo das profissões, o conteúdo e a natureza do conhecimento profissional não foi objeto, nem de análise teórica, nem empírica (RODRIGUES, 2002).

Pereira e Cunha (2007, p. 47) enfatizam que “o modelo de profissionalização funcionalista está baseado no modelo liberal de desenvolvimento das profissões dos Estados Unidos e da Inglaterra, onde a intervenção do Estado é mínima e as profissões são consideradas fundamentais para a modernização da sociedade.

Rodrigues (2002, p. 10) afirma que,

de acordo com a perspectiva funcionalista, as profissões constituem comunidades cujos membros partilham uma mesma identidade, valores, linguagem e um estatuto adquirido para toda a vida; têm poder de controle sobre si e seus membros, a cerca da seleção e admissão de novos membros, bem como sobre a sua formação.

Na abordagem funcionalista, segundo Diniz (2001, p. 19), uma profissão é “um agrupamento de papéis ‘ocupacionais’ que se distinguem pela aplicação prática e pela responsabilidade fiduciária do profissional”. O profissional é um especialista em virtude do seu domínio da tradição e das habilidades necessárias à aplicação dos seus conhecimentos.

A abordagem de Abbott (1988) e Freidson (1998) segue a linha dos interacionistas, os quais defendem que, para compreender uma profissão, é preciso entender sua contribuição para a sociedade. Nesse sentido, os interacionistas analisam a evolução das profissões dentro de um contexto. Para eles, o que caracteriza uma profissão é a sua heterogeneidade, pois os indivíduos compartilham identidades, valores e interesses.

Essa abordagem baseia-se em três pressupostos que definem uma profissão:

- o estatuto profissional resulta do saber científico e prático e do ideal de trabalho, corporizados por comunidades formadas em torno da mesma classe de saber, dos mesmos valores e ética de serviço;
- o reconhecimento social da competência é adquirido por meio de uma formação longa. O conhecimento é a variável central. Para se alcançar o estatuto de profissão, são necessários elevados níveis de conhecimento e dedicação;
- as instituições profissionais respondem às demandas sociais: ocupam uma posição intermediária entre necessidades individuais e sociais (RODRIGUES, 2002).

De acordo Abbott (1988, p. 59) “a principal característica deste sistema é a interdependência entre as profissões que se encontram em permanente disputa por espaço. Cada profissão se dedica a um conjunto de atividades ligadas pelos laços de jurisdição”.

Na abordagem interacionista, a ênfase é colocada num processo de transformação das ocupações, nas interações e nos conflitos, assim como nos meios e recursos mobilizados nesse processo, chamando a atenção para o papel jogado pelas reivindicações e os discursos sobre o saber, na transformação de uma ocupação em profissão (RODRIGUES, 2002).

Na perspectiva interacionista, segundo essa autora, as pessoas são sujeitos do processo de socialização, desenvolvendo sua personalidade e apropriam-se dos costumes e valores sociais. É nesse momento que se forma a socialização secundária, ou profissional. O indivíduo, por meio do convívio, insere-se em vários grupos sociais. A partir da sua inserção num contexto de normas e costumes previamente estabelecidos, intervém no ambiente, participa desse processo, influencia-o e é influenciado por ele.

O processo de socialização profissional é formado com base na aprendizagem dos valores, interesses, habilidades, conhecimentos, crenças e formas de concepção de mundo característicos dos membros de uma profissão. Esse processo tem sido objeto de estudo de pesquisadores como Hughes (1958), Tardif e Raymond (2000), Rodrigues (2002), Dubar (2005), entre outros e será objeto do próximo capítulo.

### 2.2.1 A Socialização Profissional

As teorias sociológicas contribuem para a análise dos processos de formação e socialização profissional. Hughes (1958) analisou o processo de formação profissional, com foco na Medicina. Dubar (2005), alicerçado na teoria de Hughes, apresenta estudos acerca de socialização e da identidade profissional.

A adaptação do indivíduo à cultura de uma organização se dá pelo processo de socialização. Estudada pela Psicologia Social, a socialização, segundo Banov (2002, p. 51) é o “(...) processo por meio do qual o indivíduo se insere numa cultura ou organização”. No decorrer desse processo, o sujeito assume estereótipos sociais característicos de uma profissão.

Essa socialização abrange a interação do sujeito com uma instituição pela internalização de suas normas, valores e representações. Envolve a relação do indivíduo com a instituição no exercício do papel de estudante ou de aprendiz. O processo de socialização se prolonga durante todo o período de exercício profissional.

O trabalho modifica a identidade do trabalhador, pois trabalhar não é apenas fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa de si mesmo. A identidade dos indivíduos carrega as marcas da sua atividade e uma boa parte da sua existência e é caracterizada pela sua atuação profissional (TARDIF; RAYMOND, 2000).

A fabricação do profissional inclui o conjunto de disciplinas aprendidas durante seu processo de formação e o início do novo papel numa conversão a uma nova visão de mundo. Nesse processo, ocorre a conversão identitária, que consiste em mudar a si a partir da incorporação de novas competências específicas que possibilitarão o desempenho da carreira (HUGHES, 1958).

A construção da identidade profissional está intrinsecamente relacionada à socialização, pois é preciso repensar as alterações da identidade dos atores sociais em diferentes esferas, todas interligadas, como a família, a comunidade, a religião e o trabalho. A socialização é constituída pelos momentos em que os saberes, os valores, as práticas e os discursos profissionais, isto é, as representações sociais desencadeadas no espaço e no tempo de exercício de uma ocupação, modelam a identidade profissional dos indivíduos (DUBAR, 2005).

A identidade, segundo Castells (1999, p. 23) “é o processo de construção de significados, um conjunto de atributos culturais interrelacionados que prevalecem sobre outras fontes de significados”. É

o resultado estável ou provisório, individual ou coletivo, subjetivo ou objetivo, biográfico ou estrutural, dos processos de socialização que formam o indivíduo e definem as instituições (DUBAR, 2005). Esse autor assinala ainda que a socialização é concebida como uma iniciação na cultura profissional e uma conversão do indivíduo a uma nova concepção de si e de mundo, ou seja, uma nova identidade. Esse processo não ocorre de forma linear e passiva, considera a história, as expectativas e os projetos profissionais de cada um.

Para Tardif e Raymond (2000) e Dubar (2005), os primeiros anos da carreira representam um período de aprendizagem intensa que determina o futuro profissional e a relação com o trabalho. A escolha da profissão não é um fato isolado, porém é fruto de amadurecimento pessoal, influenciado pelo meio social e pelas representações pessoais. Para Whitaker (1985, p. 8),

(...) a universidade é mais do que um lugar de formação de mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho. É um local privilegiado do saber: local onde se produz conhecimento e onde a ciência é mantida viva. O mais doloroso, porém é que a desinformação é a regra. Os jovens não conhecem o conteúdo verdadeiro das profissões que almejam, e muitas vezes são empurrados para elas por forças externas que mal saberiam diagnosticar.

Bourdieu (2001) usa o conceito de campo para designar os nichos da atividade humana onde se desenrolam as lutas pela detenção do poder simbólico, que produz e confirma significados, isto é, é um espaço social de dominações e de conflitos. O poder simbólico se constitui como um instrumento de conhecimento e de comunicação, emergindo como um poder capaz de impor significações, e as impõe como legítimas, contribuindo, dessa forma, com a dominação vigente. As leis de transformação que regem a transmutação de diferentes espécies de capital em capital simbólico alteram essas forças em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais, sem gasto aparente de energia (BOURDIEU, 2003). As pessoas se posicionam nesses campos, de acordo com seu capital social, cultural, econômico e simbólico. Na educação, acumula-se capital cultural, na forma de conhecimento que influenciará a escolha da carreira.



Nesse sentido, “capital cultural” é um conceito que explicita um novo tipo de capital, um novo recurso social, fonte de distinção e de poder (BOURDIEU, 2003). O capital cultural, para Bourdieu, é adquirido de duas formas: mediante socialização primária e nas instituições transmissoras de cultura como escolas e universidades. É a trajetória do indivíduo e as relações que ele estabelece que determinam o volume e o tipo de aquisição desse capital (BOURDIEU; PASSERON, 1996).

Segundo Whitaker (1985, p. 31), “(...) por mais talento que um jovem possa ter para uma determinada profissão, suas deficiências de capital cultural poderão levá-lo em direção de uma carreira de menor prestígio”. A escolha da carreira profissional é um processo que vai da infância à idade adulta. O processo de escolha compreende três momentos de acordo com Soares (1991, p. 19): “um primeiro, de fantasia; um segundo, de tentativa, quando o jovem começa a reconhecer os valores que fundamentam sua escolha profissional; e um terceiro, realista, o momento da escolha propriamente dita”.

Sob a ótica de Whitaker (1985), Soares (1987), Schein (1996) e Luz Filho (2002), os fatos que influenciam e interferem na escolha profissional serão tratados no próximo capítulo.

### *2.2.1.1 A escolha da carreira*

A escolha profissional é fundamentada por fatores contextuais que se modificam conforme a situação, o momento político, o ambiente, as motivações internas, as condições de saúde e financeiras, as aptidões, os interesses, a personalidade, a região, a cultura, os valores, as crenças, o prestígio social, a vocação, o mercado de trabalho e a família, entre outros (LUZ FILHO, 2002). Whitaker (1985) enfatiza as frustrações profissionais dos pais, a visão romântica da profissão e as ilusões do mercado de trabalho como fatores que influenciam a escolha profissional.

Os elementos determinantes dessas escolhas são os aspectos sociais, econômicos, políticos, educacionais, familiares e psicológicos. Os sociais se referem à busca de ascensão social. Os políticos compreendem a política governamental e seus posicionamentos perante a educação; os

econômicos dizem respeito ao planejamento econômico e ao mercado de trabalho. Os fatores educacionais se referem ao sistema de ensino; os fatores familiares compreendem as expectativas da família; já os aspectos psicológicos dizem respeito aos interesses, motivações e habilidades pessoais (SOARES, 1987, p. 25).

Para Soares (1991), o início da carreira é marcado por expectativas e sentimentos, às vezes, contraditórios. O começo desse processo pode significar uma mudança das ideias formadas na universidade em um momento de descoberta e de aprendizado. Segundo Dubar (2005, p. 136) “esse momento caracteriza-se por uma imersão na cultura profissional e coloca a questão da forma como essas duas culturas interagem no interior do indivíduo”. É um momento de confrontação de estereótipos profissionais adquiridos nos diferentes espaços de socialização.

Segundo Schein (1996), a carreira é constituída por várias fases que variam de acordo com a profissão e o indivíduo. Na primeira, a profissão é apenas um pensamento, quando o indivíduo inicia seu processo educacional. Na segunda, acontece a formação profissional propriamente dita que varia de acordo com a carreira escolhida. É nessa fase que o indivíduo ingressa numa universidade. Na terceira, ocorre o ingresso no mundo do trabalho. É quando começam a evoluir as aptidões e valores profissionais testados em meio às atribuições da vida prática. Na quarta fase, acontece a socialização (SCHEIN, 1996).

A duração e intensidade desses períodos variam conforme a profissão, a complexidade do trabalho e o grau de responsabilidade que a sociedade atribui a referida profissão. Quanto maior a responsabilidade, mais longo e intenso é o período de socialização. Essa fase é a principal fonte de aprendizado profissional. Nesse momento, a organização começa a fazer exigências ao indivíduo. O profissional se vê diante de escolhas concretas no sentido de seguir na profissão e na organização, dependendo de como reage ao processo de socialização (SCHEIN, 1996, p. 22).

Nesse sentido, a socialização, segundo Tardif e Raymond (2000, p. 217), “é um processo de formação do indivíduo que se estende por toda a sua história de vida e comporta rupturas e continuidades. Dá-se pelas múltiplas relações entre instituições e agentes sociais como a família, a escola, o trabalho, os amigos e a mídia.

A construção da identidade e a adaptação do indivíduo à cultura de uma organização se dão por meio do processo de socialização. Para Hughes (1958), a cultura profissional é formada por conhecimentos técnico-científicos e por uma visão de mundo particular e específica que se constitui com base na formação profissional e é incorporada pela aprendizagem. Esse autor criou um modelo de socialização profissional, assunto que será tratado no próximo capítulo.

### **2.2.2 O Modelo de Socialização Profissional de Hughes**

Hughes (1958) formula a existência de uma cultura profissional formada por conhecimentos técnicos e científicos com uma visão de mundo particular e específica. Essa cultura é adquirida mediante um processo de formação profissional concebido como uma aprendizagem, uma iniciação e uma conversão.

Este autor formulou uma teoria para estudar a formação das profissões. Por meio do estudo da Medicina, apresentou um Modelo de Socialização Profissional, como um período de iniciação na cultura profissional e de conversão do indivíduo a uma nova concepção de si e do mundo, ou seja, uma nova identidade. O Modelo da Socialização Profissional de Hughes (1958) caracteriza-se por três fases:

1) “Passagem através do espelho”: consiste em olhar o espetáculo do mundo através do espelho, aprender a ver o mundo ao inverso, de maneira que as coisas sejam vistas ao contrário, como em um espelho.

Nessa fase, a passagem ocorre pela imersão do indivíduo na cultura profissional. Em geral, nesse momento se instaura uma crise da cultura do senso comum, incompatível com a cultura profissional. Essa incompatibilidade ocorre devido a quatro fatores: renúncia voluntária aos estereótipos profissionais, imagem de si, concepção da função e da carreira, que caracterizam a identidade profissional. Nessa fase, o jovem aprendiz começa a perceber as pessoas e o mundo com a visão de um profissional.

Segundo Hughes (1958) esse conflito ocorre porque, num primeiro momento, é preciso que o indivíduo aprenda a administrar e gerir essas identidades no espaço e no tempo. Por isso, vive um dilema, pois a identificação com o papel profissional é progressiva, implicando uma renúncia de concepções e estereótipos. Nesse período, pode ocorrer uma perda de identidade visto que novos modelos de identificação estão sendo incorporados, substituídos e outros definidos.

2) “Instalação da dualidade”: nesta fase ocorre a transição, a ruptura e a transposição do ‘modelo ideal’ para o ‘modelo prático’. O modelo ideal é concebido pela valorização simbólica ou imagem da profissão. O modelo prático (ou real) reflete as tarefas, as responsabilidades, as atividades da rotina marcadas por escolhas e papéis profissionais. Essa lacuna entre o modelo idealizado e o real é fonte de discussão dos grupos profissionais, sendo motivo de disputa e conflito dos grupos profissionais, segundo Hughes (1958).

Esta fase caracteriza-se por um choque de realidade ou pela diferença entre o imaginário e o real, ou uma substituição gradual de imagens estereotipadas (HUGHES, 1958).

O processo de socialização profissional é necessariamente marcado por uma série de escolhas de papéis que reduzem esta distância entre o ideal e o real, por meio das interações com outros profissionais ou grupos de referência.

Nesse instante de escolha de papéis e de representações profissionais, ocorre a identificação dos indivíduos com os membros de um grupo de referência, forjando uma identidade. Com essa identificação, acontece a aquisição dos valores, normas e modelos de comportamento dos membros de um grupo.

3) “Ajuste da Concepção de Si”: segundo Hughes (1958), essa fase diz respeito ao abandono dos estereótipos anteriores da profissão e ao momento em que o indivíduo forma sua identidade pela tomada de consciência de suas capacidades físicas, mentais e pessoais de acordo com o modelo de profissão e de carreira escolhidos.

Nessa fase, há a conversão para um novo papel, um ajustamento de si numa tentativa de definição de uma nova identidade em vias de constituição. Nesse momento, o indivíduo tem um conhecimento que permite definir sua carreira e seu projeto de vida, podendo colocar em prática estratégias profissionais a partir da interação com um grupo de referência.

Nesta última etapa, o processo de socialização profissional é caracterizado pelo abandono dos estereótipos anteriores em relação à profissão e pela conversão a um novo papel, ou seja, um ajustamento entre o modelo ideal e o da realidade prática (HUGHES, 1958).

Segundo esse autor, a formação de um profissional inclui um conjunto de conhecimentos apreendidos durante esse processo e implica um novo papel e em uma nova visão de mundo que permitirá que ele desempenhe tal papel. É durante esse processo que ocorre a conversão identitária, ou seja, a formação da nova identidade profissional (HUGHES, 1958).

A formação dessa nova identidade consiste em mudar a si mesmo a partir da incorporação de novas ideias sobre a natureza do trabalho a ser realizado e adquirir competências específicas. A construção dessa identidade, para Hughes (1958), é a base do processo de socialização profissional, cujo tema será tratado seguir.

## 2.3 IDENTIDADE PROFISSIONAL

Para Dubar (2005, p. 136), “(...) a identidade é compreendida como resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”.

A socialização define a forma como o indivíduo se insere numa determinada cultura. A partir daí, forma-se a identidade que define sua história de vida, seus sonhos, perspectivas de futuro, características de personalidade e atributos.

A identidade é formada por meio das relações que se estabelecem entre as pessoas que desempenham papéis na vida do indivíduo, como pais, parentes, amigos e professores, entre outros. De acordo com Soares (1987, p. 17) “nesse sentido, desde criança, consciente ou inconscientemente, os indivíduos assumem papéis que servirão de base para o estabelecimento da sua identidade futura”.

A identidade é um elemento-chave da realidade subjetiva e está em relação dialética com a sociedade. Uma vez cristalizada, é modificada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da

identidade são determinados pela estrutura social (BERGER; LUCKMANN, 2009. p. 228).

A identidade de um grupo repousa sobre uma representação social construída, quando esse toma consciência de sua unidade pela diferenciação dos outros (DUBAR, 2005). Para compreender como a identidade é formada, é necessário refletir como surge um grupo, ou como as relações que se estabelecem entre seus membros, com o meio em que vivem, sua prática, seu modo de pensar e de trabalhar.

A identidade constitui uma tentativa de explicação do conceito de si, sendo fruto de uma construção psicológica. É um processo definido pela intermediação das identidades assumidas e das identidades visadas (DUBAR, 2005). Construir a própria identidade é um desafio constante na busca de um equilíbrio entre aquilo que o indivíduo é e o que os outros esperam que seja.

Entre as múltiplas dimensões da identidade, a dimensão profissional tem uma importância particular porque a profissão condiciona a construção da identidade social. As profissões são produtos sociais em constante construção. Para Bourdieu (2003, p. 40), a profissão é “(...) o produto de todo um trabalho social de construção de um grupo e de uma representação dos grupos que se insinuou docemente no mundo social”.

Esse autor usa a noção de habitus para explicar a socialização profissional. O habitus, para Bourdieu (2003), é a mediação entre a estrutura e a prática, ou seja, um recurso mediador entre os agentes e a estrutura. É um produto histórico, um resultado das práticas individuais e coletivas, moldadas pela formação profissional.

O habitus, para Bourdieu (2003), é produto da internalização, pelo indivíduo, das condições históricas e sociais de sua trajetória pessoal e social. As condições de classe são apreendidas sob a forma de regularidades, que, associadas a um meio social, produzem sistemas de disposições duráveis, predispostos a funcionar como estruturas que funcionam como princípio gerador de práticas (BOURDIEU, 1983).

É possível compreender o processo de construção da identidade, a partir das mudanças de instituições como a família, a escola e a mídia no mundo contemporâneo. Tais instituições podem ser consideradas como instâncias socializadoras que existem numa relação de interdependência, em um espaço de múltiplas relações.

Vianna e Crivellari (2009) enfatizam que, para compreender a dinâmica de construção da identidade no ambiente do trabalho, é preciso

considerar o processo de inserção do trabalhador e o aprendizado de um modo de fazer e de ser.

A identidade profissional é a forma como as pessoas são percebidas pela sociedade; a sua ocupação as define perante os membros da sociedade chegando a ser confundida com a identidade total do indivíduo (SILVA; MORIGI, 2008).

Entre os acontecimentos mais importantes para a identidade é a saída do sistema escolar e a confrontação com o mercado de trabalho que constituem um momento essencial da construção da identidade. É na confrontação com o mercado de trabalho que, certamente, se situa a implicação identitária mais importante dos indivíduos (DUBAR, 2005).

Segundo esse autor, é dessa primeira confrontação que dependerá a construção de uma identidade profissional que constitua não somente uma identidade no trabalho, mas, sobretudo, uma projeção de si no futuro, a antecipação de uma trajetória de emprego e a elaboração de uma lógica de formação.

Essa construção de identidade na defrontação com o mercado de trabalho coincide com o ‘drama social do trabalho’ de que falava Hughes (1996), pois não se trata apenas de escolha da profissão ou de obtenção de diploma, mas de construção pessoal de uma estratégia identitária que mobilize a imagem de si mesmo, a avaliação de suas capacidades e a realização de seus desejos (DUBAR, 2005).

As identidades sociais são convenções e reproduções sociais necessárias e têm seu desempenho determinado pelo mundo social. Moldam os indivíduos, restringindo seus espaços e circunscrevendo suas relações a um grupo (SILVA; MORIGI, 2008).

É na formação universitária que se dá a construção identitária, embora exista a influência dos sonhos, de projetos de vida, da família, de professores e de amigos. É na entrada na universidade que a construção da identidade começa a se fortalecer (SILVA; MORIGI, 2008).

Esse fortalecimento passa pela construção da carreira, pelo ingresso no mundo profissional e pela admissão como membro de um grupo. À medida que o indivíduo progride na carreira, adquire um conceito de si, determinado, em parte, pelas questões levantadas por Schein (1996, p.31):

Quais são as minhas aptidões, habilidades e áreas de competência? Quais os meus pontos fortes e fracos? Qual a minha verdadeira motivação? Quais as minhas principais necessidades, estímulos e objetivos de vida? Quais são os meus valores?

Na sociedade da informação, a globalização e a tecnologia impactam as relações sociais, econômicas e políticas. Esses fenômenos são processos irreversíveis. Para Bauman (1999, p. 7), “(...) a globalização é um destino irremediável do mundo, um processo que afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira”. A identidade é afetada pelas mudanças causadas pelas tecnologias e pela globalização, ou ‘modernidade líquida’<sup>4</sup>, segundo Bauman (1999).

Discutir os efeitos da globalização na sociedade é fundamental para compreender a formação da identidade do indivíduo. Para Bauman (2005, p. 11), a globalização é “uma forma de mudança radical e irreversível que afeta as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a vida cotidiana e as relações entre as pessoas, assim como a identidade dos indivíduos”.

Conforme Soares (1987, p. 19) “a identidade profissional está determinada pelos aspectos sócio-econômicos e políticos de um país, isto é, pela ideologia que permeia todas estas relações”. Nesse sentido, escolher uma carreira implica reconhecer o que foi, fatos que marcaram a vida e a expectativa que se tem do trabalho (SOARES, 1987). Segundo este autor,

(...) o momento da escolha é um presente que irá definir um futuro a partir das referências passadas que a pessoa tem, integradas neste momento presente. Nesta fase o jovem passa por um período de reconhecimento de sua identidade. O seu “eu sou” ainda não está definido, então seu futuro é que vai definir quem ele será (SOARES, 1987, p. 14).

Na sociedade atual, para Bauman (1999, p. 97), “a busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluído, de dar forma ao disforme”. As pessoas interagem em diferentes grupos sociais, assumindo identidades coletivas.

---

<sup>4</sup> Refere-se à atual sociedade, do início do século XXI, marcada pela dinamicidade, um mundo fluído, uma época de incertezas e de vulnerabilidade.



Esses grupos ou comunidades<sup>5</sup> representam um abrigo em relação aos efeitos da globalização. Existem comunidades de vida e de destino cujos membros vivem juntos e outras formadas unicamente por ideias ou princípios (BAUMAN, 2005).

A família pode ser considerada como responsável pela transmissão do patrimônio econômico e cultural. A escola é responsável pela transmissão de saberes e pela expansão do acesso ao conhecimento, ao mesmo tempo em que contribui para o fortalecimento de um saber restrito a poucos (BOURDIEU, 1999).

Além da influência da escola e da família, tradicionalmente instituições socializadoras, na sociedade da informação, convive-se com outros meios de socialização, como a internet e as redes sociais, que ganham destaque na formação dos indivíduos.

Pensar sobre a identidade profissional envolve analisar as exigências para qualificação profissional, as novas tecnologias, as mudanças no mundo do trabalho, as práticas e as competências profissionais bem como a conjuntura social em que esse profissional está inserido e os fatores que influenciam tal contexto.

Para compreender como isso ocorre com os bibliotecários, objeto deste estudo, serão apresentadas no próximo capítulo, algumas pesquisas focadas em profissionais graduados em Biblioteconomia.

## 2.4 A IDENTIDADE DO BIBLIOTECÁRIO

A sociedade caracteriza-se como dinâmica, em constante transformação e permanente construção. Nesse processo, com múltiplas formas de interação, os indivíduos interagem como atores socializados (SIMMEL; MORAES FILHO, 1983; BAUMAN, 2001).

Para Bauman (2005, p. 35), essa realidade é visada “(...) pelo desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo”. Esse autor (2001, p. 40) afirma que “os seres humanos não mais nascem em suas identidades, precisam tornar-se o que já são”. Esta é a característica da vida moderna, um constante ir e vir, ser ou não ser, estar ou não estar.

A profissão de bibliotecário tem sofrido alterações significativas ao longo de sua história. Ele é considerado, segundo a Classificação

---

<sup>5</sup> O termo comunidade é definido por Zygmunt Bauman (2003) no livro *Comunidade no qual ele investiga a ambivalência exigida pelos novos laços sociais estabelecidos na sociedade capitalista tardia.*

Brasileira de Ocupações (BRASIL, 2003), um dos profissionais da informação e está classificado com o código 2612 juntamente com o documentalista e o analista de informações.

Desde a criação do curso de Biblioteconomia no Brasil, a profissão sofreu influências internas e externas. Segundo Mueller (1985, p. 4),

O primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil foi instituído na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1911. A Biblioteca Nacional, principal biblioteca existente no País na primeira metade desse século, esteve até 1910 alojada em prédios adaptados. Nesse ano foi transferida para um novo prédio, especialmente construído para ser sua sede. Junto com a mudança teve início uma reforma administrativa, regulada pela Lei nº 2.356, de 31 de dezembro, a qual incluiu providências para instalação de curso de biblioteconomia, de um ano de duração, com quatro disciplinas: Bibliografia, Paleografia e Diplomática, Iconografia e Numismática. O curso teve início apenas em 1915, tendo funcionado até 1922, quando foi extinto. Durante esse período, a principal influência sobre o curso vinha da França, como em tantos outros aspectos da vida nacional, prevalecendo a influência da École de Chartes, francesa.

As principais fases do ensino de Biblioteconomia no Brasil são segundo Oliveira (1983):

- criação do primeiro curso de Biblioteconomia em 1911;
- criação de associações profissionais a partir de 1938;
- legislação profissional em 1962 assegurando o monopólio de seus serviços;
- elaboração do Código de Ética da Profissão aprovado em 1963 pela FEBAB;
- elaboração do currículo acadêmico enquadrando a Biblioteconomia em nível de ensino superior em 1962;

- desenvolvimento de corpo de teoria a partir de 1970 com criação de cursos de pós-graduação;
- aumento na produção científica especializada em Biblioteconomia através da publicação de periódicos científicos (OLIVEIRA, 1983, p. 4).

A Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB) foi criada em 26 de julho de 1959, no 2º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD), realizado em Salvador. Castro (2000, p. 178) explica que “a criação da FEBAB tornava-se imperativa para a categoria, na medida em que com o passar do tempo ‘os problemas da classe e das bibliotecas foram se alterando, dado o processo da técnica e da ciência”.

Na segunda metade do século XX, ocorreram mudanças na área de Biblioteconomia, influenciadas pelas tecnologias de informação. As transformações tecnológicas acarretam novas formas de articulação do conhecimento. Entretanto, esse processo não é linear. Envolve conflitos, ocasionados pelo redimensionamento dos papéis e pela desterritorialização do espaço das unidades de informação.

As mudanças organizacionais e sociais modificam as identidades profissionais, pois novos ambientes são formados, novas exigências são requeridas e o mercado profissional sofre alterações. Essas mudanças refletem-se nas habilidades profissionais. Dessa forma, tais profissionais redimensionam sua identidade (SILVA; MORIGI, 2008).

Com a implementação constante de ferramentas e suportes de recuperação da informação, o bibliotecário necessita de um aprendizado permanente, para estar apto a transmitir de forma viável, informações cada vez mais complexas (PASSOS; SANTOS, 2005).

Esse aprendizado permanente ocorre pela formação profissional e ppor meio da educação continuada que dá suporte ao fazer profissional do bibliotecário e garante sua competitividade no mundo do trabalho. A formação profissional pode ser entendida segundo Martucci (1999, p. 45), “como um processo global e contínuo de construção ao longo da vida, considerando-se a vida como um espaço de educação. Estar em formação é construir uma identidade pessoal e profissional”.

Em relação à formação profissional do bibliotecário na sociedade da informação, Walter e Baptista (2008) afirmam que essa formação deve estar conectada com as mudanças originadas pela introdução de ferramentas tecnológicas para o armazenamento e recuperação da

informação, para que esse profissional tenha condições de sobreviver no espaço competitivo do mundo do trabalho.

Assim como outros profissionais, os bibliotecários estão sujeitos a fatores que influenciam a construção de sua identidade. Hall (1999, p. 38) enfatiza que “(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não de algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”.

Buscar a identidade profissional é constante na vida dos indivíduos que reafirmam suas habilidades na execução das tarefas, na interação com outros indivíduos, no espaço em que atuam, da percepção que tem dessa questão e se insere no cotidiano do fazer profissional (SOUZA, 2004, p. 93).

A prática da profissão é o aspecto que caracteriza e define o seu campo de atuação, conferindo aos seus praticantes uma identidade (SILVA; GOMES, 2008). Possuir uma identidade profissional significa compartilhar experiências, ter sentimento de pertencer a um grupo, ou seja, é a forma com o que o indivíduo é percebido pela sociedade. É necessário lembrar que a informação é o que move a sociedade e a economia, influenciando a vida dos indivíduos (BARROS, 2005).

Estudos como de Baptista e Mueller (2004), indicam que os bibliotecários estão ganhando destaque devido à necessidade de organizar e difundir informações, o que contribui cada vez mais para a sua inserção no mundo do trabalho, conforme pesquisa de Loureiro e Jannuzzi (2005). Esses autores tentaram identificar e analisar a inserção desses profissionais no mercado de trabalho. Observaram fatores como a ampliação e diversidade de espaços de atuação, a intensificação da fiscalização pelos conselhos da área, o desenvolvimento de um trabalho de conscientização dos empregadores em relação aos próprios serviços prestados, dentre outros.

As mudanças na atuação e no espaço profissional contribuem para a formação da autoimagem do bibliotecário, segundo Oliveira (1980). Em estudos sobre a autoimagem do bibliotecário, Oliveira (1980), Passos e Santos (2005), Barbalho e Rozados (2005), Walter e Baptista (2008), Silva e Gomes (2008), Silva (2009), Silva e Gomes (2010) analisaram a figura desse profissional no imaginário social.

A imagem do bibliotecário consiste em tema recorrente nos trabalhos do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

(ENANCIB) que ocorre no Brasil promovendo anualmente um encontro entre os principais pesquisadores da área de Ciência da Informação (CRIVELLARI; CUNHA, 2009).

A pesquisa de Zita Oliveira (1980) focalizou a autoimagem do bibliotecário baseando-se em fatores como remuneração, condições de trabalho (ambiente, lay-out, recursos humanos, materiais e financeiros), status profissional (salário, respeito, reconhecimento, autonomia de decisão), estereótipo (grau de sociabilidade, resistência a mudanças, valores femininos), consciência social (comportamentos) e requisitos intelectuais e mecânicos.

Nessa pesquisa, Oliveira (1980) estudou bibliotecários que trabalhavam em unidades de informação e professores de Escolas de Biblioteconomia brasileiras. Verificou que as atitudes negativas constituem problema para a formação da imagem profissional. Segundo a autora, a autoimagem, somatória de atitudes e valores, sugere que as atividades bibliotecárias precisam ser modificadas, para que a Biblioteconomia possa acompanhar as mudanças que estão ocorrendo no ambiente em que atua.

A formação da imagem profissional no estudo de Oliveira (1980) tem relação com as atitudes negativas do bibliotecário. Essas atitudes são elementos básicos na formação da imagem do indivíduo. Segundo essa autora (1983, p. 68), “(...) quatro fatores poderiam influenciar nas atitudes dos bibliotecários: a natureza do trabalho, o salário, o comportamento profissional e a autoestima”. Entretanto, após a conclusão da pesquisa, percebeu-se que a natureza do trabalho ou o tipo de unidade onde o profissional atua não influencia suas atitudes profissionais. Tais atitudes derivam das opiniões adquiridas durante a formação e firmadas com a prática profissional. Conclui que a satisfação dos bibliotecários com o salário vem com a prática, e os baixos salários se justificam pelo desconhecimento do trabalho do bibliotecário pela sociedade.

O comportamento profissional, segundo Oliveira (1983), é influenciado pelo tipo de unidade de informação onde atua. A autora afirma que esses profissionais precisam desenvolver autoconsciência com relação ao seu papel na sociedade e adquirir a capacidade de analisar e criticar seu trabalho.

A autoestima pode ser traduzida pelo respeito que o bibliotecário possui como profissional. Na pesquisa, foi constatado que todos os

entrevistados acreditam em valores como inovação, independência, cultura, criatividade e liderança, demonstrando que possuem elementos para o desenvolvimento da Biblioteconomia (OLIVEIRA, 1983, p. 69).

Nessa mesma linha de pesquisa, Silva e Gomes (2008) estudaram sobre a autoimagem do bibliotecário no contexto da atual sociedade da informação, considerando que esse aspecto antecede os esforços para definição de um perfil desse profissional. Segundo essas autoras, o estereótipo profissional, o fazer cotidiano, a satisfação profissional, a formação acadêmica e a educação continuada representam os componentes que interferem na autoimagem do bibliotecário. Para Silva e Gomes (2008), vários são os fatores que afetam a visibilidade do fazer bibliotecário. A avaliação que se costuma fazer sobre as atividades desse profissional não considera a inserção das bibliotecas no contexto das instituições, as injunções políticas, sociais e econômicas que têm influência sobre tais atividades e fatalmente sobre o profissional bibliotecário.

Os resultados obtidos nessa pesquisa revelaram a insatisfação dos bibliotecários com a formação e a busca pela educação continuada, principalmente em cursos de especialização. O fazer profissional parece não ter sofrido alterações significativas nos diversos tipos de bibliotecas, segundo essa pesquisa. Os profissionais apontaram, no entanto, a relevância do aporte tecnológico na melhoria das atividades. Na compreensão de sua autoimagem, o bibliotecário expressa uma consciência na qual a dualidade se afirma. Ao lado da percepção quanto ao potencial valor do seu fazer profissional em responder às demandas sociais, insere-se a constatação de que esse valor não é percebido e tampouco reconhecido pela sociedade (SILVA; GOMES, 2008).

A pesquisa de Silva e Morigi (2008), com dirigentes da classe de Biblioteconomia no Brasil, analisou as suas representações sociais na construção da identidade e suas práticas. Os autores constataram que os dirigentes percebem a formação de uma identidade voltada à realidade atual, em um mercado de trabalho potencial, uma modernização da área, motivada, principalmente, pela atualização e pelas inovações curriculares dos cursos de Biblioteconomia.

É na formação universitária, segundo Silva e Morigi (2008), que se dá a construção identitária do indivíduo. Ao frequentar a universidade, a partir do convívio com pessoas que almejam atuar na

mesma área, a construção da identidade começa a se fortalecer (SILVA; MORIGI, 2008). Segundo os autores, os perfis e a representação social dos bibliotecários em função das tecnologias vêm modificando a sua prática profissional e sua autoestima.

Com base nessas pesquisas, observa-se que a prática profissional do bibliotecário é transformada de acordo com as expectativas da sociedade, comprovando as influências do meio em que está inserido.

Para Silva e Morigi (2008, p. 11), “o processo de mudança das práticas dos bibliotecários vem ocorrendo, através do ensino de Biblioteconomia. As alterações das estruturas curriculares introduzem inovações para a adequação às novas exigências do mercado”.

profissional que deseja atuar numa biblioteca de uma instituição de ensino superior se identifica com os objetivos da instituição. A partir dessa vivência, o bibliotecário passa a desenvolver habilidades, valores, competências que comporão sua identidade profissional (PASSOS; SANTOS, 2005).

Os bibliotecários que, atuam em bibliotecas escolares, se identificam com ações culturais, de formação de leitores, etc., colaborando no processo de ensino e aprendizagem. Os bibliotecários, que optam por atuar em empresas, desenvolvem outras capacidades e interagem com grupos distintos. Nesse sentido, a formação inicial precisa ser complementada, pois a identidade profissional é formada por aquilo que os indivíduos são e poderão ser, conforme o seu local de trabalho e as relações que desenvolvem no ambiente profissional.

O bibliotecário trabalha com informação, matéria-prima essencial para o desenvolvimento, cuja especialidade é desenvolver e utilizar métodos para tratá-la, visando à sua recuperação e disseminação. Entretanto, sua imagem, na maioria das vezes, reflete ações que veiculam valores negativos sobre seu fazer (BARBALHO; ROZADOS, 2005). Segundo Walter (2007, p.196), “os profissionais devem mostrar que podem mudar, adaptar-se e construir novas identidades, que respondam aos anseios daqueles para quem vão trabalhar”.

A pesquisa de Walter (2008) teve como foco a construção da imagem do bibliotecário. Nesse estudo, foi verificado como o bibliotecário definia o seu mercado de trabalho, as competências destacadas para a profissão e as condutas (éticas e morais) apontadas pelos bibliotecários e docentes. Além disso, a pesquisa objetivou identificar os valores e crenças sobre os bibliotecários, verificar quais as práticas da profissão mais destacadas pelos bibliotecários, docentes e na literatura, verificar se os fatores que representam essa imagem profissional eram positivos.

Esse estudo mostrou uma visão positiva da profissão: 87% alegaram ter orgulho de ser bibliotecário, aconselhariam outras pessoas a seguir a carreira e não mudariam de profissão mudando a ideia que os bibliotecários têm uma imagem negativa de si mesmos (WALTER, 2008).

De acordo com Silva e Gomes (2010), são fatores formadores da autoimagem: a formação acadêmica, as demandas da sociedade decorrentes das suas mudanças históricas e a tentativa de redefinição do perfil profissional, orientando a formação voltada ao atendimento das necessidades sociais. Tal formação influencia e é influenciada pelo fazer bibliotecário, que enfrenta o paradoxo existente entre o estado permanente de carências de recursos e de infraestrutura para o desenvolvimento das atividades das bibliotecas e as necessidades da sociedade. Além disso, as potencialidades decorrentes das mudanças sociais estimulam o bibliotecário a agir no sentido de expandir os horizontes da sua profissão. Isso faz com que o bibliotecário, no âmbito da sua percepção, construa uma consciência dual. Por um lado, o bibliotecário tem consciência do potencial social do seu fazer profissional, por outro, no entanto, enfrenta cotidianamente os limites e as frustrações impostas pelas barreiras que inibem a realização de suas atividades em um plano ideal.

Com base nas pesquisas de Oliveira (1980), Passos e Santos (2005), Loureiro e Januzzi (2005), Walter e Baptista (2008), Silva e Morigi (2008), Silva (2009), Silva e Gomes (2010), percebe-se os estereótipos da figura do bibliotecário no imaginário social e as mudanças dos perfis desses profissionais são relacionados à sua atuação no mundo do trabalho. Entretanto, é necessário investigar como ocorre a construção da identidade desses profissionais, a partir da sua socialização para compreender as mudanças no modelo profissional, da atuação e no perfil do bibliotecário, que constitui a finalidade desta pesquisa.

Pensar sobre a identidade dos bibliotecários envolve analisar a conjuntura social em que esse profissional está inserido e os fatores que influenciam tal contexto. Desse modo, para compreender como isso ocorre, será apresentado no próximo capítulo, o contexto do surgimento e do desenvolvimento da Biblioteconomia em Santa Catarina.



## 2.5 A BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA

Seguindo a abordagem interacionista de Abbott (1988) e Freidson (1998), para compreender uma profissão é preciso entender sua contribuição para a sociedade e analisar a sua evolução dentro de um contexto. Nesse sentido, esse capítulo descreve o desenvolvimento da Biblioteconomia no Estado de Santa Catarina.

Para compreender como a identidade é formada, é necessário refletir como surge um grupo, ou como as relações se estabelecem entre seus membros, com o meio em que vivem e sua prática. Em Santa Catarina, a formação de bibliotecários começou na década de setenta do século XX, com a implantação de dois cursos de Biblioteconomia, na Universidade Federal de Santa Catarina e na Universidade do Estado de Santa Catarina.

Durante a década de setenta do século XX, Santa Catarina estava passando por muitas transformações por meio do plano de desenvolvimento do governador Colombo Machado Salles (1971-1975). Seu governo fundamentou-se no Projeto Catarinense de Desenvolvimento, depois transformado em Ação Catarinense de Desenvolvimento. A estratégia desse projeto era a dinamização dos centros urbanos para permitir um desenvolvimento econômico com repercussões sociais (SANTA CATARINA, 2010).

Nessa época, a UFSC fez uma Reforma Universitária, que criou centros e departamentos de ensino. Durante os anos de 1976 a 1980, várias novas unidades foram criadas como a Biblioteca e o Hospital Universitário. Além disso, foram criados dezoito novos cursos de graduação, dentre eles, o de Biblioteconomia (UFSC, 2005).

O Curso de Biblioteconomia da UFSC foi implantado em 1973, recebendo o reconhecimento do Conselho Federal de Educação, através do Parecer Nº 3.129, de 8 de novembro de 1977 e, confirmado pelo Decreto Presidencial Nº 81.144, publicado no Diário Oficial da União em 2 de janeiro de 1978. A ideia da criação do curso surgiu da bibliotecária Alvaceli Lusa Braga que, na qualidade de Diretora da Biblioteca Central da UFSC, sentiu a necessidade de preparar o pessoal para as atividades técnicas (CALDIN et al, 1999).

Em 1976, o curso de Biblioteconomia subordinado ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação, era vinculado ao Centro Sócio-Econômico. Em maio de 1979, o Departamento passou a depender do Centro de Ciências da Educação (CED). Em 1999, o departamento passou a denominar-se Departamento de Ciência da Informação (CIN) de acordo com a Resolução no 005/CUn/1999 (UFSC, 2010).

Em 1997, a missão do curso era: "formar profissionais bibliotecários críticos, capazes de promover o desenvolvimento científico de sua área e interagir política, econômica e socialmente, coletando, processando e disseminando a informação" (CALDIN et al, 1999).

O currículo do curso vem sendo atualizado para acompanhar a evolução da área. O Departamento de Ciência da Informação desenvolve atividades de educação continuada desde 1979. Além disso, os professores e alunos do curso atuam na organização de eventos de capacitação profissional, junto à Associação Catarinense de Bibliotecários e em projetos de pesquisa e extensão. Em 2005, o currículo passou por nova revisão para adequar-se às mudanças da área e passou a ter uma duração de quatro anos. O curso oferece oitenta vagas anuais e funciona no período noturno. O curso de Biblioteconomia da UFSC tem por objetivo:

Formar Bibliotecários com uma visão crítica da sociedade capaz de atuar como profissionais da informação imbuídos do compromisso com a gestão da informação e sua disseminação e com consciência do seu papel social na eliminação de barreiras de acesso à informação seja de natureza política, tecnológica, econômica, educacional, social, cultural e recreativa. Como objetivos específicos: - processar a informação registrada em diferentes tipos de suporte; - aplicar conhecimentos teóricos e práticos de gestão no planejamento e funcionamento de unidades de informação; - gerir atividades de seleção, análise, armazenamento e difusão da informação; - realizar pesquisas relativas a produtos e serviços, processamento, transferência e uso da informação; - dominar as tecnologias de informação para uso em serviços de informação; - gerenciar a implantação de programas de informatização em unidades de informação; - atuar como estimulador

e orientador no uso de recursos informacionais através de ações e programas de educação de usuários (UFSC, 2010).

O Departamento de Ciência da Informação (CIN) tem um Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN). Este Programa oferece, desde 2003, um Mestrado em Ciência da Informação, reconhecido pela Portaria MEC 1584/2003, de 20/06/2003 (UFSC, 2010).

O Mestrado em Ciência da Informação da UFSC visa formar pessoal de alto nível com competência para estudar e analisar os processos envolvidos nos fluxos informacionais, construir suportes teóricos que auxiliem na compreensão do funcionamento das unidades de informação, construir metodologias que auxiliem na avaliação das condições de oferta de educação e de capacitação profissional na ciência da informação. O Curso de Mestrado em Ciência da Informação tem 15 vagas anuais preenchidas por processo seletivo (UFSC, 2010).

A outra instituição que oferece o curso de Biblioteconomia no estado é a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), criada em 1965, com sede em Florianópolis.

O Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) foi o primeiro centro da UDESC, criado em 1963. O curso de Biblioteconomia, recebeu o reconhecimento do Conselho Estadual de Educação (CEE), em 23 de outubro de 1973. (UDESC, 2005).

A partir de 1982, o currículo do curso passou por várias mudanças, sendo ampliado para quatro anos. Nesse ano, o novo currículo passou a oferecer duas opções de habilitação: Bibliotecas Especializadas e Universitárias e Bibliotecas Públicas e Escolares. Essas duas opções visavam atender aos interesses dos alunos e às necessidades do mercado de trabalho da região. (UDESC, 2005).

Em 2001, foi aprovado novo currículo com habilitação em Gestão da informação (Resolução no. 026/2001 – CONSUNI). O curso de Biblioteconomia da UDESC tem como objetivo:

formar profissionais aptos a produzir e/ou utilizar conhecimentos científicos, técnicos e tecnológicos no processo informacional para atender às demandas da sociedade. Proporciona ao aluno capacidade crítica e competência para o processo de investigação científica, uso de tecnologias da informação e desenvolvimento de

atividades interdisciplinares em suas múltiplas dimensões necessárias às práticas sociais inerentes à sociedade da informação (UDESC, 2010)

Anualmente, são oferecidas quarenta vagas nos períodos matutinos e vespertino com ingresso via vestibular.

Além da graduação, a UDESC oferece cursos de especialização em Estratégias e Qualidade em Sistemas de Informação, Gestão de Unidades de Informação e Gestão de Bibliotecas, dentre outras, visando promover a educação continuada. Além disso, desenvolve programas de pesquisa e extensão junto à Biblioteca Pública de Santa Catarina e tem parcerias com a Associação Catarinense de Bibliotecários e o Conselho Regional de Biblioteconomia (UDESC, 2010).

O currículo do curso vem sendo atualizado para acompanhar a evolução da área. Professores e alunos do curso atuam na organização de eventos de capacitação profissional, junto à Associação Catarinense de Bibliotecários e em projetos de pesquisa e extensão. Em 2005, o currículo passou por nova revisão para adequar-se às mudanças da área (UDESC, 2010).

As duas universidades oferecem ao todo, 120 vagas anuais em Biblioteconomia, em Florianópolis. A UDESC e a UFSC exercem papel importante no desenvolvimento da profissão de Biblioteconomia, em função dos interesses e demandas da profissão.

Assim como em outras profissões, a Biblioteconomia, em Santa Catarina se desenvolve em meio a tensões, interesses e conflitos oriundos de seu meio. Nesse contexto, a identidade do bibliotecário é formada pelas relações que se estabelecem entre os seus membros, com o meio em que vivem e sua prática profissional.

Bourdieu (2001) usa o conceito de campo para designar os nichos da atividade humana onde se desenrolam as lutas pela detenção do poder simbólico, espaço social de dominações e de conflitos. Na Biblioteconomia em Santa Catarina, percebe-se esses conflitos pela detenção do poder, por exemplo, na gestão de bibliotecas públicas, onde grande parte dessas unidades, no Estado, é dirigida por profissionais graduados em outros cursos. Um dos fatores que contribuem para esse fato é que o cargo de bibliotecário é inexistente no Estado. Esta situação tende a mudar a partir da promulgação da Lei Federal 1244, de 2 de junho de 2010 que obriga as escolas públicas e privadas a ter uma biblioteca. De acordo com essa Lei, as escolas tem dez anos para instalar

essas unidades. Em Santa Catarina, por meio de iniciativas dos cursos de Biblioteconomia, do Conselho Regional de Biblioteconomia e da Associação Catarinense de Bibliotecários, busca-se a criação do cargo de bibliotecário no quadro funcional do estado para atender as bibliotecas da rede escolar e as bibliotecas públicas.

A Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB) também promove a educação continuada de bibliotecários no estado e busca a divulgação e a valorização da profissão. Desenvolve suas atividades desde 1975 e tem atuado continuamente na formação continuada dos bibliotecários catarinenses. (ACB, 2010).

A ACB, publica um periódico intitulado Revista da ACB<sup>6</sup>, visando a divulgação de relatos de experiências profissionais. Esta Associação promove ainda o Painel Biblioteconomia em Santa Catarina, um fórum anual criado para discutir a profissão no Estado. Este evento aconteceu pela primeira vez em 1982 e tem como objetivos:

- Aprimorar a prática profissional dos bibliotecários catarinenses propiciando educação continuada aos mesmos.
- Divulgar e compartilhar experiências, resultados de pesquisas e estudos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação realizados em Santa Catarina e em outras regiões do país.
- Promover debates que contribuam com a sociedade na realização de projetos e reivindicações de ações ao entendimento de nacionalidade, cidadania e responsabilidade e inclusão social.
- Socializar práticas e vislumbrar oportunidades de intervenção política da classe bibliotecária catarinense no sentido de projetar ações relacionadas ao fazer profissional/político no sentido de fortalecer a categoria e projetá-la na sociedade catarinense (ACB, 2010).

Esta entidade promove anualmente a Semana do Bibliotecário, com palestras e mesas redondas, onde são discutidos assuntos referentes

---

<sup>6</sup> Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis (Brasil) - ISSN 1414-0594, do movimento associativo de bibliotecários, publica textos originais e inéditos na área de Biblioteconomia. Disponível em <http://revista.acbsc.org.br/>.

à profissão. Promove cursos de curta duração, trazendo para ministrá-los professores de todo o país (ACB, 2010).

Em 2010 foram promovidos os cursos de Inteligência Competitiva para Bibliotecários, Gestão de Pessoas, MARC 21, Software BibLivre e Noções básicas de Conservação e Encadernação de Livros, dentre outros (ACB, 2010).

Essas ações da Associação, juntamente com os cursos de Biblioteconomia da UDESC e da UFSC, como citado acima, contribuem para o desenvolvimento da profissão no Estado. A partir desse contexto, é possível identificar elementos que permitem compreender como a identidade dos bibliotecários de Santa Catarina é construída e influenciada pelo meio, pela prática e pelas relações entre seus membros.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para compreender como ocorreu o processo de construção da identidade dos bibliotecários formados em universidades catarinenses, foi utilizada uma metodologia de pesquisa, que será apresentada a seguir.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Nesta pesquisa foi utilizada a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2004), que a define como:

Conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2004, p. 37).

Esta técnica foi escolhida por se adequar aos objetivos desta pesquisa, visto que abrangem iniciativa de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo das mensagens permitindo efetuar inferências, deduções lógicas e justificadas. Esta técnica envolve o rigor da objetividade e a profundidade da subjetividade que levam o pesquisador a fazer inferências dando a ele mais liberdade (BARDIN, 2004). Segundo essa autora, tal técnica permite inferências para construir as variáveis analisadas de acordo com o contexto da pesquisa, ou seja, possibilita a interpretação controlada do seu conteúdo.

De acordo com Bardin (2004, p. 34),

(...) as etapas da análise de conteúdo são: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Na pré-análise, é estabelecido um roteiro de trabalho para sistematizar as ideias, formular hipóteses e indicadores para fundamentar a interpretação

final. Na fase de exploração do material, faz-se a preparação dos documentos para a análise, em função de regras definidas.

A codificação é o processo pelo quais os dados brutos são transformados em unidades de representação de conteúdo. Ou seja, nessa fase, os dados são codificados para se compreender o texto. Segundo Bardin (2004, p. 101) “é a fase em que “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos”. É nesse momento, que as informações coletadas são analisadas, permitindo inferências e interpretações, de acordo com os objetivos da pesquisa.

A pesquisa é de cunho empírico e tem abordagem qualitativa. Demo (2000, p. 159) explica que “a pesquisa qualitativa caracteriza-se pela abertura das perguntas, rejeitando-se toda resposta fechada, dicotômica, fatal”. Esse tipo de pesquisa responde a questões particulares e se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1992).

A pesquisa qualitativa considera a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade que não pode ser traduzido em números. Por isso, não requer uso de técnicas estatísticas, mas a interpretação de fenômenos e a atribuição de significados. Na referida pesquisa, o ambiente natural é a fonte para a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave, já que o foco principal é a análise dos dados, assim como o processo e o significado da abordagem de pesquisa (MENEZES, 2009).

De acordo com Flick (2009, p. 37) “a pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos”. Sob o ponto de vista dos objetivos, é uma pesquisa exploratória. Esse tipo de pesquisa visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito. (GIL, 2002).



### 3.2 UNIVERSO E AMOSTRA DA PESQUISA

A população desta pesquisa foi formada por bibliotecários graduados em 2006 em universidades de Santa Catarina, totalizando 82 profissionais. Para compreender como ocorreu o processo de socialização durante o período de quatro anos (2006-2010), escolheu-se bibliotecários:

- registrados na 14ª Região do Conselho Regional de Biblioteconomia;
- que exercem a profissão;
- graduados em 2006 na Universidade do Estado de Santa Catarina e na Universidade Federal de Santa Catarina.

A busca dos profissionais foi feita por meio dos cadastros do Conselho Regional Biblioteconomia (CRB) e das coordenadorias dos cursos de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

A partir desse levantamento, obteve-se uma relação de 22 profissionais que foram encontrados na Lista de Discussão da Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB); entretanto, somente doze bibliotecários aceitaram ser entrevistados.

Foi realizado um pré-teste com quatro profissionais para verificar a validade das questões e se atendiam aos objetivos propostos. Para identificar o perfil dos bibliotecários, um dos objetivos desse estudo, foram consideradas as seguintes variáveis da pesquisa:

- idade;
- sexo;
- instituição de formação;
- formação complementar;
- local de atuação;
- experiências anteriores.

Por considerar que o início da carreira é marcado por sentimentos e expectativas contraditórios, é um momento de confrontação de estereótipos, de descobertas segundo Dubar (2005), se optou por escolher profissionais formados em 2006, pois se infere que, no período de quatro anos (2006 a 2010) tais indivíduos tenham uma trajetória de trabalho significativa, experiências e vivências no qual permitam uma

comparação entre o que esperavam, quando se formaram e o que alcançaram nesse período.

Tardif e Raymond (2000) e Dubar (2005) assinalam que os primeiros anos da carreira representam um período de aprendizagem intensa que determina o futuro profissional e a relação com o trabalho. Entende-se que a experiência adquirida nesse espaço de tempo é importante para compreender a “passagem através do espelho” e a “concepção de si” com base no modelo de Socialização de Hughes (1958) que envolve momentos marcantes de construção da identidade profissional.

### 3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada (Apêndice C) composta por duas partes. A primeira foi composta por questões de identificação tais como idade, sexo, instituição que se formou, atividade principal atual, local e tempo de trabalho nesse local, dentre outras. A segunda parte foi composta por cinco questões abertas que coletaram informações sobre o interesse pela profissão, a inserção no mercado de trabalho, as mudanças na percepção sobre a profissão após o ingresso no mercado e o modelo ideal e real de bibliotecário que tais profissionais possuem. Para Gil (1999, p. 113) a entrevista é definida como,

(...) uma técnica em que o investigador se apresenta ao investigado e lhe faz perguntas, com o objetivo de obter informações úteis à investigação. É uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. Esse instrumento permite explorar com mais profundidade as respostas dos indivíduos abrindo a possibilidade de compreender as questões. A entrevista semiestruturada permite que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam mais bem expressos (FLICK, 2009).

### 3.4 PROCEDIMENTO DE TRATAMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

Na coleta de dados, os profissionais tiveram conhecimento da Carta de Apresentação e Solicitação de Participação (Apêndice A). Em seguida, foram prestados esclarecimentos sobre o objeto da pesquisa, a dinâmica de trabalho, o sigilo das informações, o anonimato das identidades e também sobre o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) dos participantes para a utilização das informações fornecidas.

Os encontros foram marcados de acordo com a disponibilidade dos entrevistados em locais neutros para que não houvesse influência externa. As entrevistas foram gravadas com um gravador digital para serem transcritas e analisadas posteriormente.

Os dados foram analisados tendo como parâmetro o Modelo da Socialização Profissional proposto por Hughes (1958). Esse autor analisou como os profissionais se estabelecem no mercado de trabalho, denominando tal processo de socialização profissional. Segundo esse autor, a socialização é o processo pelo qual a pessoa aprende regras, valores e comportamentos que a possibilitam interagir em uma organização, familiar, institucional ou social. Para Hughes (1958, p. 182) a socialização se dá em três etapas:

(...) a primeira denominada ‘passagem através do espelho’ é uma imersão na cultura profissional. A segunda se refere à instalação da dualidade, entre o modelo ideal e o modelo prático, onde acontece o ‘choque de realidade’. A terceira diz respeito ao ajuste da concepção de si, ou seja, da identidade em via de constituição, implicando a tomada da consciência das capacidades físicas, mentais e pessoais, dos ‘gostos e desgostos’ com as oportunidades de carreira que o profissional pode esperar.

No próximo capítulo, serão apresentadas a análise e discussão dos resultados desta pesquisa, focando a caracterização dos entrevistados, o interesse pela profissão, a inserção no mercado de trabalho e o modelo de profissão.



## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Visando compreender como ocorreu o processo de construção da identidade dos bibliotecários por meio da socialização profissional, os resultados foram analisados conforme as motivações pela profissão, o ingresso no mercado de trabalho, as experiências profissionais e o modelo de profissão.

### 4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

A pesquisa foi realizada na cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina, que possui dois cursos de Graduação em Biblioteconomia. O curso da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), disponibiliza quarenta vagas para ingresso por meio do vestibular anual; o da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), oferece duas entradas anuais pelo vestibular, totalizando oitenta vagas. Nesta pesquisa, o foco foram os egressos de 2006. Nesse ano, graduaram-se 82 bibliotecários nas duas universidades, sendo 21 formados na UDESC e 61 formados na UFSC.

A busca dos profissionais foi feita por meio dos cadastros do Conselho Regional Biblioteconomia e das coordenadorias dos cursos de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Com base nesse levantamento, obteve-se uma relação de 22 profissionais que foram encontrados na Lista de Discussão da Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB); desses, apenas doze bibliotecários aceitaram ser entrevistados, sendo seis formados na UFSC e seis na UDESC.

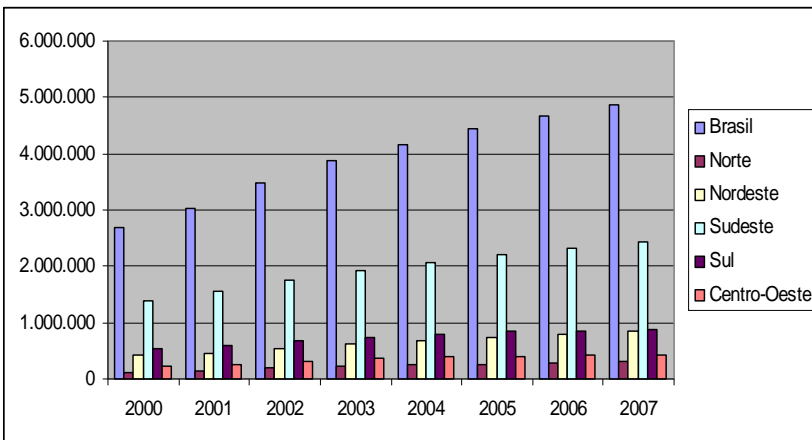
No que tange à qualificação profissional, observou-se que:

- dois bibliotecários fizeram mestrado em Ciência da Informação;
- cinco profissionais concluíram cursos de Especialização, nas áreas de Arquivologia e Biblioteconomia com foco em Gestão Documental, Formação de Leitores e Gestão de Bibliotecas Escolares;
- cinco bibliotecários não fizeram nenhuma formação complementar.

Com referência ao local de atuação:

- cinco bibliotecários trabalham em bibliotecas universitárias privadas;
- dois profissionais estão atuando como autônomos prestando serviços na área de normalização e gestão documental;
- um bibliotecário atua em empresa pública;
- dois trabalham em instituições de ensino na área de gestão documental;
- um bibliotecário atua em uma biblioteca de escritório de advocacia;
- um bibliotecário trabalha em uma biblioteca escolar e universitária.

Os dados retratam a diversidade dos locais de atuação dos entrevistados. A maior parte atua em bibliotecas universitárias. A grande incidência de profissionais brasileiros atuando nessas unidades deve-se à grande expansão do ensino universitário no Brasil, na última década, conforme retratado no gráfico a seguir:

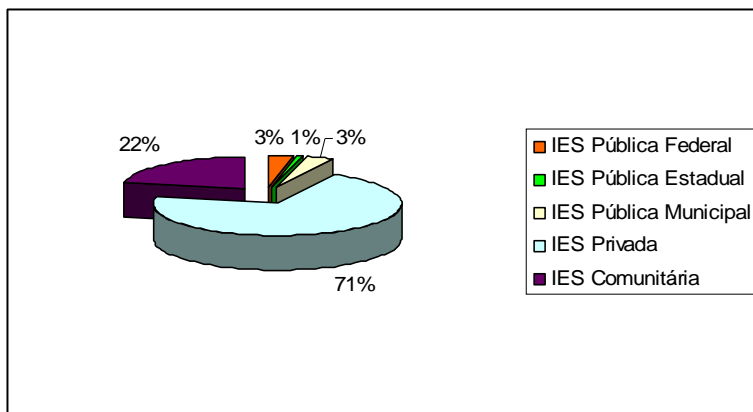


#### Censo do Ensino Superior: Evolução da Graduação no Brasil

Fonte: MEC/INEP/DEED. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

No Estado de Santa Catarina, em 2000, haviam 616 alunos matriculados; em 2007, houve 1145 matrículas nas instituições de ensino superior, totalizando um aumento de 86% no período de sete anos (BRASIL, 2010). De acordo com o Censo do MEC de 2008, houve a criação de 73 novas instituições, dentre faculdades e universidades públicas e privadas em Santa Catarina (BRASIL, 2010).

De acordo com Censo do INEP (Brasil, 2008), no Estado, existem atualmente 93 instituições de ensino superior, dentre universidades, centros universitários e faculdades, divididas assim:



Censo da Educação Superior 2008

FONTE: BRASIL. Ministério da Educação. INEP. Disponível em

<http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/sinopse/default.asp>. Acesso em 15 dez. 2010.

Em relação ao perfil dos bibliotecários, nove são mulheres e três homens, com idades entre 25 e 40 anos. Percebe-se que a maioria dos sujeitos entrevistados atuou em mais de um lugar após a conclusão da graduação. Em no período estudado (2006-2010), dos doze profissionais entrevistados, nove atuaram em dois ou três lugares. Cinco desses profissionais trabalham em bibliotecas universitárias privadas e sete fizeram um curso de pós-graduação neste período.

## 4.2 MOTIVAÇÕES DA ESCOLHA DA PROFISSÃO

Com o objetivo de conhecer os motivos que influenciaram o bibliotecário na escolha da profissão, questionou-se o que despertou o interesse pela Biblioteconomia. Optou-se por analisar separadamente os bibliotecários formados pela UFSC e UDESC de forma a poder verificar melhor as diferenças entre esses profissionais.

Os entrevistados que se formaram na UDESC mencionaram o gosto pela leitura, livros e informação como fatores que despertaram o interesse pela profissão. Percebe-se que a maioria não conhecia a profissão no momento de fazer sua escolha. Outros optaram pelo curso por ser pouco concorrido, conforme depoimento a seguir.

*Só fiz este curso porque tinha condições para passar no vestibular, mas não sabia do que se tratava a profissão, e eu queria sair de casa, da zona rural e vir para a capital estudar. Mas o fator da informação principalmente, de poder ajudar as pessoas a encontrar informações corretas no menor tempo possível, foi que motivou a fazer esta opção no curso de Biblioteconomia e continuar após o ingresso (UDESC1).*

No depoimento acima é possível verificar a forma de acesso ao capital cultural, conceito difundido por Bourdieu (2003), ou seja, a saída da zona rural para a cidade em busca de estudo, e conhecimento. Nesse sentido, o diploma universitário se configura como um recurso social, fonte de distinção e de poder. Neste contexto, o poder simbólico que esse diploma representa é um instrumento de conhecimento e de comunicação obtido na universidade, um campo onde se desenrolam lutas e conflitos, conforme defendido por Bourdieu (2003).

*Antes de fazer a graduação, eu queria entrar na faculdade, pegar diploma de ensino superior, tentei outros cursos na UDESC e na UFSC. Mas eu tenho uma irmã formada em 1992 em Biblioteconomia, só que ela nunca chegou a atuar pois naquela época o mercado de trabalho era diferente, com o diploma de ensino superior, ela fez concurso e foi trabalhar em outra área. Foi*



*partir desta imagem que busquei fazer o curso para entrar na faculdade e ter um diploma (UFSC6).*

Além do poder simbólico representado pelo diploma universitário, conforme visto no depoimento acima, ao escolher uma carreira, outros fatores influenciam a escolha da profissão e despertam o interesse por uma carreira, como os hábitos e as aptidões, dentre outros fatores conforme os depoimentos abaixo.

*Primeiro foi lidar com a informação, sou apaixonado por fontes de informação, internet, livros, depois foi pela possibilidade de estar sempre me atualizando e buscando novas informações (UDESC2).*

*O mundo da informação e do conhecimento e seus paradigmas, o gosto pelas bibliotecas e áreas afins (UFSC2).*

*Eu não conhecia a Biblioteconomia. Até o momento do vestibular eu não tinha opção, por eu gostar de ler e eu achei que tivesse alguma relação com leitura, por isto eu optei pela Biblioteconomia no vestibular (UDESC6).*

*O gosto pela leitura foi o que me despertou pela profissão (UFSC5).*

*A principal motivação foi a paixão por livros e documentos, principalmente históricos, obras raras, sempre me interessei muito pela leitura e por livros (UDESC5).*

Estas respostas mostram a escolha da profissão de acordo com interesses, aptidões, características de personalidade e oportunidades (WHITAKER, 1985). Na mesma linha, Luz Filho (2002) enfatiza os fatores que influenciam tal escolha, ressaltando que podem modificar-se conforme a situação, o ambiente, as motivações internas, a vocação e o mercado de trabalho. Um exemplo disso pode ser visto no depoimento a seguir, no qual o entrevistado informa que escolheu a carreira por acaso;

salienta a falta de informação sobre a profissão, identificando-se com ela no decorrer do curso.

*Depois que passei no vestibular, entrei, mas não sabia muito bem o que era, durante o curso é que fui me apaixonando pela profissão, fui gostando bastante e hoje gosto do que faço, sou apaixonada pela profissão (UDESC3).*

A identidade profissional é formada pelas relações que se estabelecem entre as pessoas que desempenham papéis sociais importantes na vida de cada um, como pais, amigos e professores (SOARES, 1987). Apenas um dos entrevistados formados pela UDESC afirmou que conhecia bem a profissão porque teve contato com profissionais da área que influenciaram sua escolha, conforme se constata no depoimento abaixo:

*Eu sempre freqüentei a biblioteca do meu colégio desde pequena. A bibliotecária era uma pessoa muito legal e carismática, a qual todos os alunos gostavam e isso nos estimulava a ir à biblioteca. Além disso, tenho um amigo bibliotecário que sempre conversamos muito sobre a profissão e eu já achava legal, percebi também a biblioteconomia como uma profissão com uma demanda boa de trabalho frente às novas tecnologias e a sociedade da informação (já tinha lido algumas coisas sobre isso naquela época, além das conversas com meus amigos bibliotecários). Foi o que me motivou, em 2002, a trocar a faculdade de Biologia para Biblioteconomia (UDESC4).*

Até o momento da escolha profissional, percorrem-se vários caminhos. Segundo Passos e Santos (2005, p. 16) “a família representa um dos ambientes mais importantes, pois é por meio dela que se constrói a primeira visão de mundo, com base nos valores adquiridos nesse ambiente”.

A influência do meio e de outros profissionais pode também ser verificada nos depoimentos dos entrevistados formados pela UFSC. Percebe-se que o interesse pela profissão foi despertado por incentivo de

familiares formados em Biblioteconomia, conforme retratado nos depoimentos a seguir:

*Eu conheci o curso através da minha irmã que é bibliotecária, ela sempre comentava sobre o curso e acabou passando para mim para meu irmão, somos três bibliotecários na família e optamos por fazer o curso justamente pelo que minha irmã falava sobre a profissão (UFSC1).*

*Escolhi o curso porque queria entrar na universidade e pegar um diploma, tive influência da minha irmã que era bibliotecária, fui conhecer a profissão e fui gostando ao longo do curso (UFSC6).*

Conforme Soares (1987), a profissão dos pais influencia, de forma decisiva, a maneira de ver o mundo e a identidade profissional. No depoimento a seguir, percebe-se a influência da família e do meio:

*Eu freqüentava muito a biblioteca, minha mãe era bibliotecária e sempre convivi neste meio, gostava do desempenho da minha mãe como profissional e dos colegas dela que trabalhavam na biblioteca, mas não foram eles que me influenciaram, foi somente o convívio na biblioteca e minha mãe dizendo para eu fazer, pois gostava muito de pesquisar, ler, etc.(UFSC4).*

Ao analisar as respostas dos sujeitos entrevistados, percebe-se que os bibliotecários formados pela UDESC escolheram o Curso de Biblioteconomia a partir de interesses, aptidões e características da personalidade. Já os formados pela UFSC tiveram maior influência dos familiares e de outros bibliotecários, como pode ser percebido nos depoimentos.

Infere-se que os indivíduos que optam por cursar Biblioteconomia na UDESC possuem mais habilidades e afinidades com o perfil do bibliotecário. Já os bibliotecários formados pela UFSC, têm mais conhecimento acerca do fazer bibliotecário pelas relações com outros profissionais.

Nos depoimentos a seguir, é possível verificar que o conhecimento sobre a profissão aconteceu antes da formação:

*Já trabalhava em biblioteca e senti necessidade de aperfeiçoar os conhecimentos para ajudar no trabalho, amo trabalhar nisto. Já conhecia a profissão antes de atuar, só não fiz o curso antes porque era longe da minha cidade (UFSC3).*

*Fui trabalhar numa biblioteca universitária como auxiliar de biblioteca e ao conhecer mais a rotina da biblioteca e a bibliotecária chefe, que é uma pessoa e profissional exemplar, passei a gostar mais ainda desta profissão (UDESC4).*

Estes depoimentos reafirmam a relação entre a escolha profissional e a demanda do mundo do trabalho. Segundo Luz Filho (2002, p. 31) “(...) fatores como os status, a vocação, o mercado de trabalho e o prestígio social contribuem na escolha da carreira”.

Whitaker (1985, p. 43) afirma que “(...) os psicólogos apontam aptidões, interesses, características de personalidades, atitudes, valores, oportunidades educacionais dadas pelo nível sócio-econômico como fatores que atuam sobre o indivíduo na escolha profissional”.

Apenas um entrevistado formado pela UFSC respondeu que o gosto pela leitura foi o principal motivo que o despertou para a escolha da profissão de bibliotecário, conforme pode ser constatado no depoimento abaixo:

*Meu interesse em ser bibliotecária surgiu antes de eu saber que existia a profissão, quando eu era criança no interior do Rio Grande do Sul. Um dia meus pais me deram um livro de presente de natal chamado Pato Bolé, adorei os livros, porém na escola onde eu estudava, os livros ficavam trancados num armário na secretaria, aí eu levava laranjas para a diretora para ela me emprestar os livros, porém no outro dia tinha que trazer de volta, aí eu tinha que ler rápido para trazer no outro dia, não demorei muito tempo eu já tinha lido todos, depois eu pedia para uma amiga minha trazer revistas para eu ler e trocava por frutas e assim foi seguindo. Quando eu vim*

*para Florianópolis em 1997, tinha 24 anos, minha grande vontade era estudar, tinha muita vontade de conhecer as coisas, ler, era muito curiosa, eu queria saber sobre as coisas, quando acabei o ensino médio fui ver os cursos que tinha na Universidade Federal e vi que existia o curso de Biblioteconomia, aí pensei que maravilha poder ler todos os livros da biblioteca, pois eu pensava que o bibliotecário ficava só sentado lendo, era isto que eu queria ganhar dinheiro e lendo. Aí fiz vestibular e entrei na faculdade e lá dentro fui conhecer a profissão (UFSC2).*

Os depoimentos acima mostram a formação da identidade dos profissionais no processo de socialização e a dependência dos valores assimilados pelo indivíduo, por meio dos grupos com as quais se relacionam que influenciam a formação da sua identidade (BANOV, 2002).

Os sujeitos pesquisados têm características comuns, com o gosto pela leitura e influência do meio em que vivem e de outros profissionais. Mesmo não conhecendo a profissão ou o curso de Biblioteconomia, tais fatores despertaram nos entrevistados de ambas universidades, o interesse pela carreira. Percebeu-se, nos depoimentos, que a influência do mundo do trabalho, dos familiares e do meio foi fundamental nesta escolha.

#### 4.3 A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Ao questionar como ocorreu a inserção desses indivíduos no mercado de trabalho, buscou-se identificar os meios de ingresso e compreender como aconteceu tal processo.

Verificou-se que a maioria dos formados pela UDESC distribuiu currículos, acompanhou a divulgação de vagas e processos seletivos<sup>7</sup>. Porém, a indicação de colegas foi o principal meio de inserção no mundo do trabalho, conforme depoimentos a seguir:

---

<sup>7</sup> Processo seletivo é uma atividade realizada para contratação e seleção de pessoas. Segundo Marras (2000, p. 79), “tem por finalidade escolher, sob metodologia específica, candidatos a emprego recebidos pelo setor de recrutamento, para o atendimento das necessidades internas da empresa”.

*Distribuía currículos e participava de processos seletivos, acompanha as vagas em sites e listas de discussão da ACB [Associação Catarinense de Bibliotecários] , [...] foi num destes anúncios e indicação de outros colegas que consegui um emprego na cidade (UDESC1).*

*Minha primeira inserção foi através da indicação de uma amiga que se formou comigo na época, era uma vaga de outra cidade e ela não tinha interesse, mas me indicou para a vaga e eu fui (UDESC2).*

Uma pesquisa de Bandeira e Ohira (2000), com 149 bibliotecários de Santa Catarina, verificou que 42% entraram no mercado de trabalho mediante concurso, 14% por meio de indicações de colegas e 12% por processos seletivos. Percebe-se que a indicação de colegas e a rede de relacionamento é um meio de inserção profissional importante. No caso dos bibliotecários, tudo indica que o grupo no qual se inserem, influencia a formação de sua identidade. De acordo com Banov (2002, p. 55) “(...) a identidade é formada dentro do processo de socialização e é dependente dos valores assimilados pelo indivíduo”.

Observa-se a influência de colegas no depoimento abaixo:

*Trabalhei na ACB [Associação Catarinense de Bibliotecários] por dois anos como secretaria e tive oportunidade de conhecer bastante gente da área, como por exemplo, o coordenador de um projeto que estava implantando bibliotecas públicas nos municípios em Santa Catarina. Ele me convidou para atuar neste projeto com outros colegas que tinham se formado comigo (UDESC6).*

Em Santa Catarina, a Associação Catarinense de Bibliotecários desenvolve um papel importante na formação profissional. Atuante há mais de 35 anos, esta associação promove ações de capacitação profissional, educação continuada, eventos, divulgação de vagas de estágio e de trabalho, consultorias, assessoria para organização de unidades de informação, contribuindo para o desenvolvimento da profissão e do profissional em Biblioteconomia no estado (ACB, 2010).

As entidades de classe e os Cursos de Biblioteconomia possibilitam a aquisição de competências específicas na área de atuação

dos profissionais. Nessas instituições ocorrem discussões sobre a profissão em Santa Catarina, assim como conflitos que permeiam as relações entre esses submundos. Bourdieu (2001) usa o conceito de campo para designar esses nichos e interesses distintos.

No depoimento abaixo, percebe-se a atuação desses submundos e suas contribuições para a construção da identidade desses profissionais:

*Na Udesc eles apresentam uma visão mais gerencial da Biblioteconomia, uma visão mais ampla daquela técnica que conhecemos, as disciplinas ligadas a gestão de bibliotecas dão uma base muito boa para atuar em qualquer lugar que tenha informação, e não somente restrito às bibliotecas. Já em relação aos órgãos de classe acho que eles são muito importantes na valorização e divulgação da profissão, contribuem com a divulgação de vagas de emprego, estágios, indicação de trabalhos, softwares de bibliotecas e arquivos, concursos, eventos, cursos, incentivam produção acadêmica nos eventos que promovem e desta forma acredito que contribuem para a inserção profissional dos bibliotecários (UDESC2).*

*Me formei na UFSC, mas já participei de cursos e eventos da área dentro da UDESC, também na ACB, e creio que essas instituições exercem um papel muito importante para a formação e inserção profissional dos bibliotecários de Santa Catarina (UFSC2).*

Para compreender como esses profissionais constroem sua identidade, é necessário refletir como um grupo existe e as relações que se estabelecem entre seus membros e com o meio (FERNANDES; ZANELLI, 2006).

No início da carreira, quando o profissional conclui a graduação e busca sua primeira colocação, o contato com professores, colegas de turma e com outros profissionais é, em geral, intenso, facilitando a sua indicação para vagas de trabalho. Isso é observado nos entrevistados formados pela UFSC.

*Foi através dos estágios e dos projetos dentro da faculdade. Neste trabalho que estou atualmente consegui através da indicação de outro profissional que me conhecia e conhecia meu trabalho, participei do processo seletivo, fiz a entrevista e fui chamado para a vaga (UFSC1).*

*Depois de formado eu sabia que uma hora ou outra tinha que enfrentar o mercado de trabalho, uma amiga que sabia que eu estudava isto me indicou para uma empresa (UFSC6).*

Entre os profissionais formados pela UFSC que responderam à pesquisa, muitos conseguiram se inserir profissionalmente antes de concluir a graduação. Outros, assim que se graduaram, conseguiram uma oportunidade de trabalho por meio de processo seletivo, como pode ser verificado nos depoimentos a seguir:

*Foi muito tranqüilo, pois cinco dias antes da colação de grau eu fiquei sabendo que tinha processo seletivo em Florianópolis e era gratuito, ai resolvi arriscar, passei e já estava contratada antes mesmo de colar grau (UFSC2).*

*Já trabalhava dentro da biblioteca, na região não tem bibliotecário, já estava previsto no plano de cargos e salários da empresa, fui promovida assim que me formei (UFSC3).*

*Fiz concurso ainda na última fase da graduação, me formei e já fui chamada para o cargo numa empresa pública (UFSC5).*

*Entrei como estagiária e em menos de seis meses eu já estava contratada, minha contratação foi justamente porque o resultado do meu desempenho foi positivo e fez diferença. Quando me formei, já estava atuando neste mesmo local e continuo até hoje (UFSC4).*



Em relação à cultura local, os depoimentos acima mostram que os profissionais formados em Santa Catarina, após a graduação, participaram de cursos e eventos; percebe-se que esses contatos profissionais contribuíam para a indicação para vagas de trabalho.

Esses contatos são mais freqüentes no início da carreira, marcada por expectativas à medida que o profissional se insere no mundo do trabalho e se depara com situações de descobertas e aprendizados constantes. Segundo Dubar (1997, p. 136), “(...) este momento se caracteriza por ser uma imersão na cultura profissional que aparece brutalmente como o inverso da cultura profana e coloca a angustiante questão da forma como as duas culturas interagem no interior do indivíduo”.

Trata-se de um momento de confrontação dos estereótipos profissionais adquiridos nos diferentes espaços de socialização. Esse choque cultural caracteriza o momento de entrada na profissão (DUBAR, 2005).

Ao entrevistar os profissionais das duas universidades sobre a primeira oportunidade de trabalho, percebeu-se que sentimentos contraditórios permeavam as suas respostas, como angústia, preocupação com a situação financeira, desânimo, frustração, insegurança e medo, demonstrando as tensões e os conflitos nos diferentes espaços de socialização conforme descrito a seguir.

*Eu queria terminar a faculdade e me inserir no mercado, trabalhar na área, poder estar preparado para atuar na área, a gente fica com medo por ser o primeiro, depois que a gente começa e vê que tem o apoio de outros profissionais (UFSC1).*

*Quando me formei tinha muita vontade de trabalhar em bibliotecas, mas foi frustrante, pois fui atuar em biblioteca escolar (UDESC5).*

*Não tinha expectativas profissionais nenhuma, pois estava recém me formando e não tinha muita noção do que viria pela frente, tinha apenas expectativas pessoais de me sustentar e sobreviver financeiramente (UFSC5).*

*Quando me formei, distribui vários currículos na cidade e desanimei pois não tinha retorno, percebi que em Florianópolis era difícil para*

*conseguir emprego, ainda mais quando não se tem experiência, estava desanimada, mas sempre busquei, eu tinha como ponto de vista que no interior sempre tem mais oportunidade e eu nunca desisti, tinha esperanças de conseguir, vi que era difícil conseguir trabalho na área, principalmente na capital (UDESC3).*

Também se nota, nos sujeitos entrevistados, a sensação de desafio ao iniciar uma carreira, o medo do novo e a vontade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos, como se pode perceber nos depoimentos abaixo:

*Fui à empresa e aceitei este desafio, fui em busca do conhecimento, fui atrás de amigos que estavam trabalhando na área, falei com pessoas que já estavam atuando, troquei umas ideias e dei o pontapé inicial para começar o projeto pois não tinha experiência, mas fui atrás do conhecimento e encarei este desafio, pois tinha muita vontade (UFSC6).*

*As expectativas no momento inicial da inserção no mercado de trabalho foram sempre em procurar aplicar a teoria aprendida em sala com a prática do ambiente de trabalho (UFSC4).*

*Senti-me desafiado, pois era um local que estavam começando a estruturar a biblioteca, comecei do zero. [...] era tudo novo e desafiador, [...] tinha receio até porque nunca tinha atuado em biblioteca universitária, minha experiência era em biblioteca comunitária e arquivos (UDESC2).*

*A gente fica com medo por ser o primeiro, depois que a gente começa e vê que tem o apoio de outros profissionais e vê que não é um bicho de sete cabeças até porque o estágio te dá suporte também, depois perde este medo, tudo fica mais tranqüilo (UFSC1).*

Nas respostas acima, observa-se que as ideias de modelo real e ideal da profissão se fundem nos diferentes depoimentos. Ou seja, as visões sobre a prática profissional são muitas vezes contraditórias e demonstram os conflitos e tensões existentes nos espaços de socialização, mostrando que a construção da identidade profissional não é linear e passiva, conforme enfatizado por Dubar (2005).

Esses sentimentos provocam crises e tensões, características da formação da identidade profissional que acompanham os sujeitos em toda sua trajetória. Essas tensões entre o saber fazer e o saber ser, entre o modelo profissional idealizado e o real produzem sentimentos de desencantamento. Em outros momentos ocorre um novo encantamento pela profissão. Dessa forma, a identidade profissional é constantemente reconstruída.

Durante a graduação, os estudantes criam modelos e estereótipos profissionais idealizados pela vivência em sala de aula. Quando o indivíduo se insere no mundo do trabalho, a percepção da profissão vai moldando-se conforme a realidade do local de atuação. Tal processo de socialização vai se alterando durante a trajetória profissional e é parte da formação da identidade do indivíduo.

Percebe-se que as identidades profissionais não são estáticas, mas estão em constante transformação (SILVA; MORIGI, 2008). Isso pode ser verificado nos depoimentos relacionados ao modelo de profissão que esses bibliotecários têm, de acordo com o contexto em que vivem, como será tratado no próximo capítulo.

#### 4.4 PERCEPÇÕES SOBRE A PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO

Hughes (1958) analisou como os profissionais saem da universidade e se estabelecem no mercado de trabalho, denominando tal processo de socialização profissional. Segundo o autor, a socialização é o processo pelo qual a pessoa aprende regras, valores e comportamentos que a possibilitam interagir em uma organização, familiar, institucional ou social. De acordo com Hughes (1958, p. 182) a socialização se dá em três etapas: “a primeira, denominada ‘passagem através do espelho’; a segunda se refere à instalação da dualidade, entre o modelo ideal e o modelo real; a terceira diz respeito ao ajuste da concepção de si” (ver o capítulo 2.2.2).

Para verificar como ocorrem essas etapas da socialização e a concepção do modelo ideal de profissão, questionou-se esse modelo dos

entrevistados antes de se tornar profissionais, pedindo que o descrevessem.

Observou-se que, ao perguntar sobre o modelo ideal, os entrevistados não sabiam o que era um bibliotecário e, ao tentar descrevê-lo, referiam-se às suas características profissionais, atitudes e hábitos, como indicado a seguir:

*Quando eu entrei na faculdade eu idealizava um modelo de um profissional proativo e comprometido em realizar um trabalho de qualidade e com excelência. Era isto que eu buscava e idealizava para mim como modelo profissional (UDESC5).*

*A ideia que eu tinha é que era uma profissão que estaria em contato com as tecnologias de informação [...], eu imaginava que era um profissional ligado à tecnologia, informática, internet (UFSC6).*

*Não tinha um modelo. Apenas achava que ele ficava lendo o dia todo e na verdade não é isto que acontece. Só fui saber quem era este profissional já na graduação, através da fala dos professores. Comecei a frequentar a biblioteca da universidade, mesmo lá não tinha contato direto, pois quem atendia eram estagiários e os bibliotecários ficavam só fazendo processamento técnico (UDESC1).*

*Em relação ao modelo, eu tinha uma ideia bem aproximada com que eu tive depois que me formei, ou seja, da bibliotecária ser uma pessoa proativa e culta (UDESC4).*

*Não, não tinha um modelo. Antes de entrar na profissão eu imaginava que era um profissional que só ficava lendo, controlando o acervo e que tinha que atender bem as pessoas. Só fui ter contato com uma biblioteca no ensino médio quando eu tinha 24 anos (UFSC2).*

O início da carreira, para Soares (1991), é marcado por expectativas e sentimentos, às vezes, contraditórios. Segundo Dubar (2005, p 136) “esse momento caracteriza-se por ser uma imersão na cultura profissional e coloca a questão da forma como as duas culturas interagem no interior do indivíduo”. Nesta pesquisa, percebe-se que alguns entrevistados afirmaram ter um modelo profissional associado à imagem do bibliotecário, retratando as diferentes concepções sobre o profissional. O primeiro depoimento descreve uma visão técnica da profissão; o segundo mostra um modelo educador e o terceiro uma imagem ligada à função de gestor.

*No início do curso eu tinha uma visão mais técnica da profissão, desconhecia a função gerencial e estratégica do bibliotecário, achava que a profissão era muito mais atrelada ao processamento técnico (UDESC2).*

*Hoje a função do bibliotecário é promover a discussão ao invés do silêncio, a discussão entre usuários favorece a aprendizagem, o bibliotecário deve interagir e disseminar as informações (UFSC3).*

*Tinha um modelo de bibliotecária sim, ela gerenciava uma biblioteca municipal no interior de São Paulo. [...] eu me espelhava nela e pensava que queria ser como ela, me influenciou bastante [...] este modelo de profissional, por isto fui fazer Biblioteconomia (UFSC5).*

É interessante observar que a visão do fazer profissional está relacionada ao local de atuação e às interações que acontecem durante o período de socialização. Conforme visto nos depoimentos acima, quando questionados sobre o modelo de bibliotecário, essa referência está relacionada a diferentes funções, que variam conforme as relações e o ambiente profissional.

Em alguns depoimentos, observa-se que os entrevistados, por desconhecer a profissão, acreditavam que qualquer profissional que atuava em biblioteca era bibliotecário. Fica evidente a forte relação que existe entre o espaço físico ‘biblioteca’ e o bibliotecário. Nesse sentido, infere-se que os indivíduos associam muito a imagem do bibliotecário à

biblioteca. Mesmo sabendo que existem outros espaços de atuação relacionados à gestão da informação, quando vão atuar no mercado de trabalho, o espaço da biblioteca como local de trabalho é a identificação mais forte do bibliotecário.

*Não sabia que existia a profissão, que tinha um curso superior que formava bibliotecários. Vi em toda minha formação escolar um profissional remanejado, um professor ou um servente que atuava na biblioteca, era esta visão que eu tinha de bibliotecário. Eu achava que era bibliotecária qualquer pessoa que trabalhava na biblioteca. Somente na graduação que fui entender o que era o profissional, depois de estar cursando, a visão que eu tinha era aquela que todos têm uma pessoa que está atrás do balcão que guarda e entrega livros, durante o curso é que nossa perspectiva se abre e vemos nossa atividade é bem amplo, o alcance é maior que a gente imagina (UDESC3).*

A formação de uma nova identidade consiste em mudar a si mesmo a partir da incorporação de novas ideias sobre a natureza do trabalho a ser realizado e da aquisição de competências específicas para o desempenho da carreira. A construção dessa identidade é considerada, segundo Hughes (1958), a base do processo de socialização profissional.

Nas entrevistas, observou-se que algumas pessoas tinham um modelo profissional, por ter familiares ou amigos bibliotecários ou por ter tido contato na infância com profissionais que atuavam em bibliotecas escolares, conforme consta nos depoimentos a seguir:

*Em relação ao modelo, eu tinha uma ideia bem aproximada com que eu tive depois que me formei [em Biblioteconomia], ou seja, do bibliotecário ser um profissional proativo e culto. Quando eu era criança eu conhecia uma bibliotecária bonita, jovem, simpática, não tinha aquela imagem negativa que as pessoas têm em geral. Meu amigo [que era bibliotecário] falava muito bem do profissional, minha diretora [que era bibliotecária] também era moderna, não tinha relação com aquela imagem negativa, depois que*

*a gente se forma [na graduação] a gente vê outras habilidades e percepções (UDESC4). Eu não tinha ainda um modelo de profissional, mas tive uma influência forte da minha irmã, que foi minha referência pois antes disso eu não conhecia e não tinha pensado sobre isto antes. Na época do colégio, eu tive contato com biblioteca, mas não com outros bibliotecários, o primeiro contato foi minha irmã, ela que me falou do curso e fui conhecendo a profissão, eu conversava com ela e ela falava das atividades e que achava legal, ela falava do lado do bibliotecário que quebrava aqueles estereótipos, que hoje o profissional era mais moderno, a biblioteca é mais moderna, que não trabalhava só com livros, que tinha material eletrônico, outras mídias, pois a gente sempre ouve falar que a biblioteca é só livros (UFSC1).*

*Posso dizer que me espelhei numa pessoa, que admiro muito, foi referência para mim, pois é bibliotecário. Esta pessoa é totalmente entregue à profissão, que se dedica a profissão, que é muito competente, muito correta, que me ensinou muito da profissão durante o estágio, muito profissional e que para mim é um exemplo de modelo ideal de profissional (UDESC3).*

*Tinha sim um modelo, para mim bibliotecário é muito mais do que um robô que classifica, cataloga, coloca na estante o material e simplesmente atende o que o usuário pede e vai lá e entrega. Para mim, o modelo de bibliotecário é diferente, ele vai discutir o que o usuário precisa orientar nos trabalhos, nas pesquisas, ou seja, tem papel mais didático do que técnico, mais educador (UDESC6).*

*Tinha um modelo de bibliotecário sim, de uma profissional que atuava numa biblioteca municipal no interior de São Paulo, onde eu morava, e eu freqüentava muito aquela biblioteca. Na época eu nem sabia se ela era formada em Biblioteconomia ou não, depois fiquei sabendo que era, mas por muito tempo eu não tinha esta noção e admirava-a, a forma como se*

*comportava, postura, elegância e principalmente por ser muito culta, eu me espelhava nela e pensava que queria ser como ela, me influenciou bastante, pois eu gostava de livros, gostava de ler, de freqüentar a biblioteca da minha cidade, principalmente neste modelo de profissional por isto fui fazer Biblioteconomia (UFSC5).*

Segundo Hughes (1958), a cultura profissional é formada pelos conhecimentos técnico-científicos e por uma visão de mundo particular e específica formada a partir de um processo. A idealização de um modelo profissional é resultado desta visão. A cultura é adquirida por intermédio da formação profissional e incorporada por meio da aprendizagem.

A primeira fase do Modelo da Socialização Profissional de Huges é, como explicitado acima, a passagem através do espelho. Esta passagem ocorre através da imersão do indivíduo na cultura profissional. Em geral, nesse momento se instaura uma crise da cultura do senso comum incompatível com a cultura profissional. Essa descoberta da realidade do mundo profissional pode, algumas vezes, ser traumatizante, conforme depoimentos a seguir:

*Quando me formei, tinha muita vontade de trabalhar em biblioteca, mas foi frustrante, [...], desestimulante, fui atuar numa biblioteca escolar, mas hoje não voltaria nem que passasse por dificuldades financeiras. Atualmente trabalho com informação jurídica, gestão documental num escritório de advocacia e hoje sim me sinto realizada (UDESC5).*

*Depois de formado em 2006 eu sabia que uma hora ou outra tinha que enfrentar o mercado de trabalho, [...] fui em busca de conhecimento, fui atrás dos amigos que estavam trabalhando na área, não tinha muita experiência, mas tinha muita vontade, esta primeira experiência foi gratificante (UFSC6).*



Na segunda fase do Modelo de Hughes, denominada ‘instalação da dualidade’, ocorre a transição entre o modelo ideal e o real. Nessa fase, o indivíduo forma para si uma imagem, uma identidade com base em um grupo de referência, a partir da interação com outros sujeitos no processo de socialização.

Nos depoimentos a seguir, observa-se a segunda etapa da socialização profissional de Hughes (1958):

*Não tenho um modelo profissional, mas até a metade da graduação eu ainda tinha este modelo daquela bibliotecária da minha cidade muito vivo e queria que todos meus colegas fossem iguais a ela, vi que não era bem assim, a maioria estava ali porque tinha caído de pára-quadras, por que não tinha outra opção no vestibular, que queria apenas um diploma. Aí o máximo que eu consegui foi eu ser como ela, pois meus colegas não gostavam muito da profissão e eu achava que eles tinham que gostar de ler e na realidade não se mostrou bem assim(UFSC5).*

*No início do curso eu tinha uma visão mais técnica da profissão, desconhecia a função gerencial e estratégica do bibliotecário, achava que a profissão era muito mais atrelada ao processamento técnico, durante e depois que terminei a faculdade fui percebendo que não era assim, que tínhamos documentos de gestão para nortear nossas ações e muito mais responsabilidades gerenciais (UDESC2).*

Nesses depoimentos, percebe-se a dualidade entre o real e o ideal e também o conflito entre o que foi aprendido - o saber - e a realidade da profissão - o fazer. O real é formado pela rotina, pela aplicação da teoria aprendida em sala de aula, pelos desafios, dificuldades e receios de enfrentar situações novas, momentos de dúvida e pelas relações de trabalho que vão se firmar nesse contexto que geram expectativas, escolhas, responsabilidades e rupturas.

Durante a graduação, aprende-se a utilizar instrumentos e tecnologias específicos. Porém, em muitas unidades de informação a realidade é diferente da vivenciada na universidade. Muitas unidades de

informação não têm computador nem recursos para aquisição de equipamentos ou assinatura de acervos eletrônicos.

O mundo do trabalho exige competências e habilidades como: saber ser, saber conviver, saber fazer e saber aprender (DELORS, 1999). O mercado reivindica profissionais autônomos, empreendedores, articulados politicamente, que saibam criar e desenvolver projetos, captar recursos e gerenciar. Cabe ao profissional buscar esses conhecimentos e complementar sua formação constantemente.

Outro exemplo em relação à imagem da rotina profissional, diz respeito aos investimentos que a unidade pode receber da instituição. Aprende-se durante o curso a fazer a gestão de acervo, a aquisição e desenvolvimento das coleções. Porém, as instituições nem sempre destinam verbas para atualização do acervo. Em muitas instituições, existe apenas um bibliotecário para fazer todo o trabalho técnico e o atendimento aos usuários. Essa realidade traz muitas vezes desencantamento pela profissão. Alguns relatos desses momentos de tensão provenientes da socialização profissional podem ser vistos nos depoimentos abaixo.

*Eu imaginava que era um profissional ligado à tecnologia, informática, internet, depois vi que não era bem assim, se fala muito na graduação que o leque de atuação é grande, mas efetivamente não vejo isto acontecer. A maioria das vagas que abrem aqui é em bibliotecas, sempre estou procurando emprego, fazendo entrevistas e vejo poucas vagas nesta área de Tecnologia de Informação, a maioria das vagas que poderiam ser oferecidas para bibliotecários como sistema de informação, tecnologia de informação acabam sendo oferecidas para profissional de outras áreas como computação, eu tinha esta imagem de que o bibliotecário iria atuar com tecnologias inovadoras, ainda estamos brigando para ter bibliotecário na biblioteca pública, na escola e acho que as coisas estão devagar na nossa área (UFSC6).*

*Quando me formei tinha muita vontade de trabalhar em bibliotecas, mas foi frustrante pois fui atuar em biblioteca escolar, tive muita dificuldade nesse ambiente pois não reconhecem a gente como profissional da informação, não*

*valorizam e não respeitam a profissão, isto é desestimulante. Eu não voltaria para atuar em bibliotecas escolares nem que passasse por dificuldades financeiras. (...) Durante a graduação, fiz estágios o que me ajudou a me adaptar melhor e conhecer a prática da profissão que é bem diferente daquela vista em sala de aula. Creio que saí com uma formação diferente dos colegas que não fizeram estágios, pois o curso nos dava esta oportunidade de aprender na prática através dos estágios e fiz trabalhos bem interessantes (UDESC5).*

*Quando a gente entra na faculdade você entra de uma forma e sai de outra, pois você reformula novas representações. Eu tenho um modelo hoje diferente de quando entrei na faculdade, mesmo tendo uma visão positiva do bibliotecário, depois que eu saí ficou mais ainda, abriu um leque maior, o que ele faz, onde ele pode atuar, o papel social do bibliotecário, etc. (UDESC4).*

Nesse momento de transição entre o modelo ideal e o real pode ocorrer a substituição gradual de imagens estereotipadas, e começa a se formar um novo modelo, ou seja, a identidade profissional desse sujeito vai se construindo a partir da aquisição de valores, normas e modelos de comportamentos dos membros de um grupo.

Na terceira fase do modelo de Hughes (1958), ocorre o ajustamento entre o modelo ideal e o real. Esse ajustamento significa o abandono dos estereótipos da profissão. É o momento que o indivíduo constitui sua identidade pela tomada de consciência de suas capacidades. Nos depoimentos a seguir, percebe-se esta terceira fase:

*Eu tinha um modelo sim, durante a minha vida escolar freqüentei bibliotecas e era muito incentivada para a leitura, apesar de que nestas bibliotecas que eu freqüentava não havia bibliotecários, e sim professores readaptados. Quando eu entrei na faculdade eu idealizava um modelo de um profissional proativo e comprometido em realizar um trabalho de qualidade e com excelência, mas não encontrei nenhum profissional da forma que eu idealizava.*

*Quando me formei fui em busca deste modelo de bibliotecário que eu queria ser, comprometido e proativo, era isto que eu buscava e idealizava para mim como modelo profissional (UDESC5).*

*A minha percepção antes era de seguir rigidamente o que se aprende em sala, ou seja, técnicas específicas para um processamento técnico, por exemplo. Hoje, vejo que além desse trabalho, temos que ter diferencial, mostrar que não devemos ficar somente desempenhando um trabalho que fica “escondido” para a instituição, e sim, mostrar o profissional bibliotecário com capacidades semelhantes à de um diretor, um responsável pelo setor que pode participar de reuniões, tomar decisões, capacitar, etc. (UFSC4).*

Esses depoimentos mostram a lacuna entre a teoria e a prática. Quando o profissional se insere no mundo do trabalho percebe que nem tudo o que aprendeu durante a graduação, poderá ser colocado em prática. A partir desse momento, o profissional começa a traçar estratégias para melhorar sua atuação, como citou um dos entrevistados acima quando mencionou o problema da visibilidade da profissão.

Em Santa Catarina, as duas universidades que oferecem o curso de Biblioteconomia, têm atividades de extensão e convênios com escolas e empresas que possibilitam a realização de estágios visando propiciar ao aluno a prática da profissão.

Cabe enfatizar que algumas vezes o desenvolvimento profissional não acontece como preconizado no modelo de Hughes, já que a realidade está sendo permanentemente modificada, provocando transformações no mundo do trabalho.

As mudanças dos papéis e dos valores profissionais são uma decorrência natural num mundo em que as transformações advindas das tecnologias alteraram de forma substancial o fazer bibliotecário, ampliando a quebra de fronteiras e paradigmas da profissão do bibliotecário (WALTER, 2008).

A força dos estereótipos na construção da imagem dos bibliotecários impacta sua identidade. Segundo Walter e Baptista (2008, p. 31), “a preocupação com a visão sobre os profissionais é importante,

pois os empregadores percebem o quanto a profissão é valorizada socialmente”. Nos depoimentos abaixo, observaram-se algumas descrições relacionadas aos estereótipos de bibliotecário:

*Tinha sim, pois meu primeiro contato foi minha irmã [que era bibliotecária], ela que me falou do curso e fui conhecendo a profissão, eu conversava com ela e ela falava das atividades, ela falava do bibliotecário que quebrava aqueles estereótipos, que hoje o profissional era mais moderno (UFSC1).*

*Durante a faculdade sempre se falava muito no profissional defasado, enfatizando os estereótipos negativos, que este profissional precisava mudar sua imagem e buscar esta valorização (UDESC5).*

A imagem do bibliotecário sofre influência do estereótipo vigente. Esse estereótipo é veiculado por filmes, livros, telenovelas e comerciais e influência segundo Silva (2009), a visibilidade da profissão.

Assim como ocorre em outras profissões, os bibliotecários possuem uma imagem ligada ao seu comportamento. Nos depoimentos a seguir, questionam-se a imagem e o modelo de bibliotecário.

*Eu vejo que a Biblioteconomia é um curso que tem pouco Ibope, não é comentado na mídia, nos meios de comunicação, pelos alunos que fazem vestibular, o espaço dado ao profissional na mídia é pouco, como a comemoração do Dia do Bibliotecário, por exemplo, é bem inferior, tem pouca importância, pouca divulgação na mídia. Por mais que se fale, no modelo novo de profissional, de biblioteca, por mais que se fale nas mudanças, sempre cai em biblioteca e livros, as pessoas não conhecem ainda a profissão e a biblioteca, um centro de informação, um arquivo, etc.(UFSC1).*

*Normalmente as pessoas acham que é uma velhinha de óculos (UDESC4).*

*Muitas pessoas têm uma visão negativa de bibliotecário que é ranzinza e chato, de óculos, que não quer que mexa no livro. Minha visão não é esta, hoje a função do bibliotecário é promover a discussão ao invés do silêncio, a discussão entre usuários favorece a aprendizagem, o bibliotecário deve interagir e disseminar as informações deve ser dinâmico e ligado em tudo que está acontecendo (UFSC).*

Nesses depoimentos, percebe-se que os estereótipos frequentemente são relacionados a ideias negativas. Essa associação, mesmo quando compreendida sob seus aspectos positivos, como a mediação e a facilidade de comunicação, pode ser limitante para uma profissão que luta por espaços de trabalho, pelo reconhecimento social e pela modernização de sua imagem (WALTER; BAPTISTA, 2008).

O modelo reproduzido nos meios de comunicação manifesta a imagem presente no imaginário social. De acordo com Barbalho e Rozados (2008, p. 3), “cada vez que a imagem é veiculada, reforça a visão internalizada, positiva ou pejorativa, constituindo o núcleo principal da formação dos estereótipos”. Com base na compreensão da sua missão, o bibliotecário pode trabalhar sua autoimagem, contribuindo para a construção de uma identidade positiva associada a maior visibilidade na sociedade (SILVA, 2009).

Tudo indica que a imagem de guardião do conhecimento, do controle da ordem e silêncio, da disciplina, está relacionada às tarefas exercidas pelo bibliotecário, conforme visto nos depoimentos. Contudo, os bibliotecários estão mudando seu comportamento. Tal mudança influencia outras pessoas para a escolha da profissão, conforme o depoimento a seguir:

*Eu sempre freqüentei a biblioteca do meu colégio em São Paulo, desde pequena. A bibliotecária era uma pessoa muito legal e carismática, a qual todos os alunos gostavam; e isso nos estimulava a ir à biblioteca. Além disso, tenho um amigo bibliotecário que sempre conversamos muito sobre a profissão e eu já achava legal. Mais tarde, coincidentemente fui trabalhar numa biblioteca universitária como auxiliar de biblioteca e ao conhecer mais a rotina da biblioteca e a bibliotecária-chefe, que é uma pessoa e profissional exemplar, passei a gostar*

*mais ainda desta profissão. Percebi também a biblioteconomia como uma profissão com uma demanda boa de trabalho frente às novas tecnologias e à sociedade da informação, já tinha lido algumas coisas sobre isso naquela época, além das conversas com meus amigos bibliotecários. Foi o que me motivou, em 2002, a trocar a faculdade de biologia, que eu também gostava, para biblioteconomia (UDESC4).*

Em algumas entrevistas, percebe-se que alguns bibliotecários não sabiam o que era a profissão; por isso não tinham um modelo ideal. Outros repetiam o que ouviam falar a partir da convivência com amigos e familiares formados em Biblioteconomia. Observa-se que os entrevistados de ambas as universidades tinham uma concepção formada da profissão e ao longo da graduação foram construindo o seu modelo. A seguir, serão apresentados depoimentos sobre a mudança em relação ao modelo profissional.

*Mudou bastante. Hoje vejo o bibliotecário como um profissional interativo porque ele tem que ter conhecimento do acervo, atender o público, implantar tecnologias, ligado com as novidades (UFSC2).*

*Mudou bastante, pois além desta questão técnica e estratégica, temos que atuar em parceria com outros profissionais (UDESC2).*

*Antes eu não conhecia, mas hoje eu vejo o bibliotecário como um profissional que precisa estar em constante atualização e que está exercendo a profissão efetivamente, atuando, praticando principalmente se atualizando, pois antes as pessoas faziam o curso, mas não atuavam, queriam só mesmo um diploma, hoje é diferente. Creio que o modelo de bibliotecário hoje mudou por conta disto, tem que buscar um diferencial, algo a mais que vai diferenciá-lo no mercado, interagir com novas tecnologias, ligados com as práticas de gestão (UFSC1).*

*Na verdade, o bibliotecário não tem tempo para leitura, pois ele faz apenas uma leitura técnica*

*dos documentos, bem diferente daquela percepção que eu tinha (UDESC1).*

*Mudou bastante porque durante a faculdade idealizei um perfil de profissional e quando me formei fui em busca disto. No trabalho que estou atualmente consegui atingir este objetivo, isto que faz a gente mudar a realidade do profissional, da nossa profissão e mostrar que é tudo que é possível o bibliotecário fazer, podemos acreditar que é possível uma visão positiva da nossa profissão, temos que acreditar em nós mesmos enquanto profissionais e na nossa profissão (UDESC5).*

*Mudou sim, quando eu era criança tinha uma visão distorcida do modelo profissional, pois na nossa cidade não tinha bibliotecários e as pessoas que trabalhavam [na biblioteca] não deixavam a gente mexer nos materiais. Hoje os bibliotecários estão procurando melhorar e atuar de forma diferente. Creio que a internet ajudou bastante, pois o acervo e serviços foram disponibilizados e isto favorece a comunicação entre usuários e profissionais (UFSC3).*

Nessas respostas, percebe-se a mudança da ideia de modelo profissional. Alguns criaram um modelo; outros incorporaram modelos durante a graduação. Outros modificaram seu modelo com base em suas experiências, como se pode observar nos depoimentos abaixo:

*Eu incorporei estas referencias, mas acabei aprendendo outras aptidões e quando a gente entra na faculdade você entra de uma forma e sai de outra, eu tenho um modelo hoje diferente de quando entrei na faculdade, abriu um leque maior, o que ele faz, onde ele pode atuar o papel social do bibliotecário, etc. (UDESC4).*

*Pela experiência que tive e no dia-a-dia do trabalho prático, eu incorporei um novo modelo sim, pois socializei mais, interagi com outros profissionais (UDESC2).*



*Acho que incorporei um modelo, pois atualmente nesta instituição que atuo não tenho liberdade de atuação, é um modelo meio engessado, pois tudo que faço tem ser norteadado pela instituição, pois trabalhamos em rede (UFSC1).*

*Eu incorporei alguns modelos profissionais que vi alguns ao longo da minha experiência e fui selecionando tipo eu quero ser como ele. Mas ainda estou na fase de copiar modelos existentes (UDESC1).*

*Acho que dentro desta visão do bibliotecário mais atuante posso dizer que hoje incorporei este modelo, depois do curso e depois de conhecer a profissão, posso dizer que me espelhei numa pessoa [que era bibliotecária] , que admiro muito, foi referência para mim, que se dedica a profissão, que é muito competente, muito correta, que me ensinou muito da profissão durante o estágio, muito profissional e que para mim é um exemplo de modelo ideal de profissional (UDESC3).*

A formação dessa nova identidade é feita pela incorporação de novas ideias sobre a natureza do trabalho a ser realizado e pela aquisição de competências específicas para o desempenho das funções.

A partir desses depoimentos, percebe-se que para se profissionalizar, o indivíduo passa por um longo período de formação que consiste em transformar-se e incorporar um conjunto de valores e concepções sobre o seu novo papel

Nos depoimentos a seguir, pode-se verificar que novos modelos foram criados mediante a interação com outros profissionais no ambiente de trabalho:

*Criei um modelo sim para poder me adequar à realidade da instituição em que fui atuar porque lá onde atuo envolve a informação de todos da instituição, é impossível saber de tudo que existe lá, sem a colaboração dos colegas e assim fui criando um modelo de profissional onde todos lá sabem o que faço e me ajudam bastante (UFSC4).*

*Criei um modelo para mim, eu queria mostrar tudo que o profissional bibliotecário faz e pode fazer. [Na empresa em que atuo hoje] me deram espaço para mostrar até porque eles têm outra visão do bibliotecário, aí aproveitei esta oportunidade e fui em busca de capacitações, projetos, conquistei tudo que eu queria como profissional em menos de dois anos e hoje me sinto valorizada, respeitada e sou feliz na profissão de bibliotecária (UDESC5).*

*Criei meu modelo ideal, meu modelo de bibliotecária é que através das pesquisas me mantenho atualizada, participação de eventos científicos, pois conseguimos manter contato com bibliotecários. Através desta imagem que eu criei eu acabo querendo que os outros tenham esta mesma dinâmica de atuação, criando eles com outros profissionais, não dá somente para o profissional ficar só catalogando, tem que aparecer se mostrar, interagir, até para descobrir o que está acontecendo, ver as demandas (UFSC2).*

Esses depoimentos mostram a incorporação do indivíduo à cultura de uma organização por meio do processo de socialização. Essa situação provoca um compartilhamento de crenças, valores e hábitos, que irão orientar suas ações dentro de um contexto, definindo assim sua identidade. É necessário, segundo Fernandes e Zanelli (2006) que o indivíduo construa uma identidade, uma noção de totalidade que o leva a criar uma imagem de si, e os papéis que representa em diferentes momentos da sua experiência social.

A socialização profissional tem como referência a inserção em uma profissão, abrangendo a interação do sujeito com várias instituições pela internalização de normas, valores e representações. Esse processo se prolonga durante todo o período de exercício profissional. Pode-se observar no depoimento a seguir que o entrevistado tenta reverter a percepção que tinha em relação ao modelo profissional.

*Eu mudei bastante e criei um modelo diferente para mudar a questão do relacionamento. Normalmente o bibliotecário direciona suas ações para o livro, e a gente tem que estar voltado para o usuário, a necessidade que ele tem. Desta forma que eu tentei mudar a minha percepção ao invés de incorporar aquele modelo que já existia (UFSC3).*

Os depoimentos mostram a construção de um modelo constante durante a vida profissional. Dubar (2005) e Tardif e Raymond (2000) afirmam que os primeiros anos da carreira representam um período de aprendizagem intensa da profissão e destacam que esse é um período importante, determinando o futuro do profissional e a sua relação com o trabalho.

*Tinha sim, mas meu modelo foi crescendo ao longo da minha vida profissional. Eu sempre achei que deveria ser mais do que técnico, hoje em dia que a tecnologia faz tudo, se a gente for apenas técnico, logo seremos substituídos por uma máquina. O que se precisa hoje em dia é você conseguir trabalhar com o ser humano, e não simplesmente com as bases de dados e softwares (UDESC6).*

*Eu ainda estou buscando este modelo, não me encontrei, tive várias experiências durante a graduação através de estágios diferentes para experimentar e depois de formado também. Ainda estou descobrindo onde me encaixo melhor, acho que o bibliotecário tem que ter isto, a construção deste modelo, desta referência deve ser contínua (UFSC6).*

Visando compreender como a socialização contribui no processo de construção da identidade do bibliotecário, as entrevistas permitiram identificar o perfil dos bibliotecários, os motivos que despertaram o interesse pela profissão, as formas de inserção dos bibliotecários no mercado de trabalho e os modelos de profissão construídos durante a socialização profissional.

Verificam-se, em alguns depoimentos, as fases de construção da identidade e do modelo profissional. Em outros, tal modelo não está internalizado no indivíduo. Cabe enfatizar que o modelo de socialização de Hughes, composto pelas três fases, não é linear, estático e permanente. Percebeu-se nesta pesquisa que a construção da identidade por meio da socialização é dinâmica e muitas vezes não acontece a partir de um modelo pré-definido.

O modelo de Hughes serviu como parâmetro para a análise. Porém, na construção da identidade ele pode não acontecer dessa forma, pois a realidade está sendo permanentemente modificada. Alguns depoimentos também mostraram que alguns profissionais passaram pela fase do ajuste da concepção de si, sem ter passado por um choque de realidade ou pela 'passagem através do espelho'. Porém, foi possível verificar nesta pesquisa a contribuição da socialização no processo da construção da identidade profissional.

A identidade profissional constitui uma tentativa de explicação do conceito de si, sendo fruto de uma construção psicossocial. É um processo em construção definido pela intermediação das identidades assumidas e das identidades visadas (DUBAR, 2005).

Apesar da construção da identidade ser um processo progressivo, ela se confirma ou se modifica nas interações que os indivíduos estabelecem, e nas experiências vividas, conforme visto nos depoimentos desta pesquisa.

As mudanças organizacionais e sociais modificam as identidades profissionais, pois novos ambientes são formados e as novas exigências se refletem nas habilidades profissionais (SILVA; MORIGI, 2008).

As mudanças na atuação e no espaço profissional contribuem para a formação de um bibliotecário transformado pela prática profissional, pelas necessidades e expectativas da sociedade, comprovando as influências do meio no qual está inserido.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivos:

- compreender como a socialização contribui para o processo de construção da identidade do bibliotecário;
- identificar as motivações que despertaram o interesse desses profissionais pelo seu fazer;
- compreender as formas de inserção dos bibliotecários no mundo de trabalho e o modelo de profissão construído durante a socialização.

Os resultados evidenciaram que a escolha profissional é determinada pelas influências recebidas pelos profissionais entrevistados de acordo com o meio em que estão inseridos. Essa escolha afeta a formação da identidade, construída por meio da prática profissional, na interação com colegas de profissão, na relação com outras profissões, no ambiente de trabalho, na participação em eventos e pela influência de familiares e amigos.

Dentre os motivos que despertaram o interesse pela profissão, identificou-se que essa escolha é feita com base nas aptidões, na motivação e no mercado de trabalho. Nos depoimentos que influenciaram a formação da identidade, percebeu-se o gosto pela leitura, por livros, pela informação e a relação com pessoas que já exerciam a profissão.

A indicação de colegas foi relatada como a principal forma de inserção no mercado do trabalho. Constatou-se que as redes de relacionamento dos profissionais são importantes na sua inserção, principalmente nos primeiros anos da carreira, que representam uma fase muito importante para a formação da identidade do bibliotecário.

O início da carreira é marcado pelo período que o bibliotecário sai da universidade com uma visão da profissão e busca oportunidades no mundo do trabalho por meio das relações que estabeleceu nos estágios e com outros profissionais que teve contato durante a graduação. Após as primeiras inserções profissionais, essa visão a respeito da profissão começa a se moldar de acordo com a realidade a qual esse profissional se inseriu, sendo influenciada pelos sentimentos e percepções contraditórias que acompanham esse período no início da carreira.

O local de atuação no mundo do trabalho é resultado de um conjunto de ações e escolhas que o profissional faz e que se relaciona com suas aspirações profissionais, sua formação acadêmica, o perfil, as habilidades e as competências do profissional. Na graduação, o bibliotecário aprende a representar a informação e a criar mecanismos para recuperação da informação, porém a formação do profissional vai além da graduação, ela é continuamente construída e é essa formação que vai direcionar e sustentar a carreira profissional, a atuação e a identidade do bibliotecário que está constantemente quebrando paradigmas sociais e tecnológicos.

É importante compreender que a identidade profissional está diretamente relacionada à socialização, acompanhando as mudanças da realidade. Evidenciou-se também os conflitos entre os modelos ideal e real da profissão nos espaços de socialização. Nesse sentido, a construção da identidade profissional não é linear, é construída constantemente pelo bibliotecário durante sua carreira.

As instituições como as associações e as universidades são também responsáveis pela socialização dos profissionais formados no estado. Nessas instituições ocorrem as discussões relativas à profissão em Santa Catarina, assim como os conflitos que permeiam as suas relações.

No que se refere às percepções acerca do modelo profissional, foi possível identificar as etapas do modelo de socialização profissional proposto por Hughes (1958). Além disso, ficou evidente que a construção da identidade ultrapassa esse modelo, de acordo com as experiências, meios, interações, o bibliotecário pode ou não passar por aquelas fases, pois a realidade está sendo permanentemente modificada, acontecendo de forma dinâmica. Cabe enfatizar que esse modelo não é linear, estático e permanente, percebeu-se nesta pesquisa que essa construção da identidade é dinâmica e não ocorre dentro de um modelo pronto, pois o sujeito se refaz e se reconstrói constantemente durante sua trajetória profissional.

Foi possível compreender como os bibliotecários entrevistados constroem sua identidade profissional a partir do contexto em que atuaram nesse período e com base nas relações que tiveram. O processo de construção da identidade engloba a formação acadêmica, as práticas e os discursos profissionais, as experiências em diferentes contextos e espaços de socialização, o que permite outras pesquisas nessa linha. Para complementar os resultados desse estudo e aprofundar essa análise em futuras pesquisas, destaca-se, a necessidade de investigar:

- o perfil e os campos de atuação dos bibliotecários formados pela UDESC e UFSC;
- a percepção dos bibliotecários em relação às práticas da profissão;
- a percepção dos bibliotecários em relação ao seu papel na sociedade;
- a formação do bibliotecário em Santa Catarina;
- a influência das entidades de classe na formação dos bibliotecários;
- a influência da internet e das redes sociais na formação e na prática profissional dos bibliotecários.

Apesar das transformações do mundo do trabalho, este estudo evidenciou que o modelo profissional presente no imaginário dos bibliotecários é fortemente relacionado ao seu local de atuação, na maioria dos casos, restrito às bibliotecas.

As referidas mudanças na atuação e no espaço profissional contribuem para a formação de um modelo de bibliotecário transformado pela prática profissional, pelas necessidades e expectativas da sociedade, comprovando as influências do meio no qual está inserido.

Nesse novo cenário, com a importância crescente da informação mediada pelas tecnologias, foi possível compreender como a socialização contribui para o processo de construção da identidade do bibliotecário, a partir das exigências do mundo de trabalho fazendo esse profissional redimensionar constantemente sua identidade.





## REFERÊNCIAS

ABBOTT, Andrew. **The system of professions**: na essay on the division of expert labour. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

ACB. **Cursos**. 2010. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/site>>. Acesso em: 12 dez. 2010.

ACB. **História da ACB**. 2010. Disponível em: <<http://www.acbsc.org.br/site>>. Acesso em: 12 dez. 2010.

BANDEIRA, Gabrielle Pereira ; OHIRA, Maria Lourdes Blatt. Quem é o bibliotecário em exercício no estado de Santa Catarina: Mercado de trabalho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19, 2000. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação Rio-Grandense de Bibliotecários, 2000. 1 CD ROM.

BANOV, Márcia R. **Ferramentas da Psicologia Organizacional**. São Paulo: CenaUn, 2002. p.51-58.

BAPTISTA, S. G. ; MUELLER, S. P. M. (Org.). **Profissional da informação**: espaço de trabalho. Brasília: Thesaurus, 2004.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti ; ROZADOS, H. B. F. Regimes de visibilidade das práticas do profissional bibliotecário. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6, 2005, Florianópolis, SC. **Anais...** Florianópolis, 2005. 1 CD ROM.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti ; ROZADOS, H. B. F. Perfil do Profissional Bibliotecário Brasileiro: o olhar do Sistema CFB/CRBs. In:

SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (SNBU), 15, 2008, São Paulo, SP. **Anais eletrônico...** Disponível em <http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2876.pdf>. Acesso em 15 set. 2010.

BARBOSA, Maria Ligia O. A sociologia das profissões: em torno da legitimidade de um objeto. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, n.36, 1993, p.3-30.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARROS, Flávia Roberta dos Santos de. Bibliotecário e o compromisso social: quais as possibilidades para a realização desse encontro? In: SOUTO, Leonardo Fernandes. (Org.). **O profissional da informação em tempo de mudanças**. Campinas/SP: Alínea, 2005. p.68-85.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERGER, Peter L. ; LUCKMANN, Thomas. **A Construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.) *Escritos de Educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p.73-79.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, P.; PASSERON, Jean-Claude. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação brasileira de ocupações**: CBO 2002. Brasília: MTE, 2003. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>> Acesso em: 15 set. 2010.

BRASIL. Decreto nº 81.144, de 2 de Janeiro de 1978. Concede reconhecimento aos cursos de Biblioteconomia e de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, com sede na cidade de Florianópolis, Estado de Santa Catarina. **Diário Oficial da União, Brasília**, 3 jan. 1978. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-81144-2-janeiro-1978-430459-publicacao-1-pe.html>. Acesso em 15 dez. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo do Ensino Superior**: Evolução da Graduação no Brasil. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em: 28 out. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo do Ensino Superior**. 2008. Disponível em: <http://www.inep.gov.br>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp et al. Os 25 anos do ensino de Biblioteconomia na UFSC. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de

Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v.4, n.7, 1999.  
Disponível em:  
<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/37/89>>.  
Acesso em: 01 dez. 2010.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. v.2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, A. C. **História da Biblioteconomia Brasileira**. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.

CRIVELLARI, Helena Maria T. ; CUNHA, Miriam Vieira da.  
Reflexões sobre o Grupo de Trabalho do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) – Informação, Educação e da Sociologia das Profissões e da Sociologia do Trabalho. **Pesq. Bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.2, n.1, jan./dez. 2009, p.135-154. Disponível em <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/20/42>. Acesso em 20 out. 2010.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DINIZ, Marli. **Os donos do saber: professores e monopólios profissionais**. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

DUBAR, Claude. Formação, trabalho e identidades profissionais. In: CANARIO, Rui. (org). **Formação e situações de trabalho**. 2.ed. Porto: Porto, 2003. p.43-52.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

FERNANDES, Karina Ribeiro; ZANELLI, José Carlos. O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações. **Rev. Adm. Contemp.**, v.10, n.1, 2006, p. 55-72.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIDSON, Eliot. Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **R. Bras. de Ciências Sociais**, v.11, n.31, jun. 1996, p.141-154. Disponível em: <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_31/rbcs31\\_08.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_31/rbcs31_08.htm)>. Acesso em: 10 dez. 2010.

FREIDSON, Eliot. **Renascimento do profissionalismo**: teoria, profecia e política. São Paulo: EDUSP, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo : Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

HUGHES, Everett Cherrington. **Men and their work**. 2.ed. Glencoe: The Free Press, 1958.

HUGHES, Everett Cherrington. **Le regard sociologique essais choisis**. Paris: Editions de l'École de Hautes Etudes em Sciences Sociales, 1996.

HUGHES, E. C. Le drame social du travail. **Actes de la recherche em sciences sociales**, v.115, n.1, 1996, p.94-99. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss\\_0335-5322\\_1996\\_num\\_115\\_1\\_3207](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1996_num_115_1_3207)>. Acesso em: 10 jul. 2010.

LOUREIRO, Mônica de Fátima; JANNUZZI, Paulo de Martino. Profissional da informação: análise da inserção no mercado de trabalho brasileiro segundo dados do censo demográfico de 2000. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6, 2005, Florianópolis, SC. **Anais...** Florianópolis, 2005. 1 CD ROM.

LUZ FILHO, Silvio Serafim da. **Escolha profissional**: projeto de vida e de carreira. Canoas: Masai, 2002.

MARRAS, Jean Pierre. **Administração de recursos humanos** : do operacional ao estratégico. 11. ed. São Paulo: Futura, 2000.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. A formação do bibliotecário: os estudos de carreira e a metodologia (auto) biográfica: Campos emergentes de pesquisa. **Transinformação**, v.11, n.1, jan./abr. 1999, p.39-46.

MENEZES, Eстера Muszkat. **Pesquisa bibliográfica**. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: ABRASCO, 1992.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ci. Inf.**, Brasília, v.14, n.1, jan./jun. 1985, p.3-15. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1452/1071>>. Acesso em: 08 mar. 2010.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **Um estudo da auto-imagem profissional do bibliotecário**. Brasília, 1980. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Estudos Sociais Aplicados. Departamento de Biblioteconomia.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **O bibliotecário e sua auto-imagem**. São Paulo: Pioneira, 1983.

PASSOS, Rosemary; SANTOS, Gildenir Carolino. Formação da identidade profissional do bibliotecário: o desenvolvimento de competência e habilidade na área educacional. In: PASSOS, Rosemary; SANTOS, Gildenir Carolino. (Orgs.). **Competência em informação na sociedade da aprendizagem**. 2.ed. Bauru: Kayros, 2005. p.9-28.

PEREIRA, Eliane A. J. ; CUNHA, Miriam V. da. Reflexões sobre as profissões. **Enc. Bibli.**: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n.24, 2007, p.44-58.

RODRIGUES, Maria Lourdes. **Sociologia das Profissões**. Oeiras: Celta, 2002.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. **Governadores de SC**. Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/conteudo/santacatarina/historia/paginas/governadores.html>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

SHEIN, Edgar H. **Identidade profissional**: como ajustar suas inclinações a suas opções de trabalho. São Paulo: Nobel, 1996.

SILVA, Alda Lima da ; GOMES, Henriette Ferreira. A auto-imagem do bibliotecário na sociedade da informação: estudo na cidade de Salvador – Bahia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 9, 2008, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo, 2008. 1 CD ROM.

SILVA, Alda Lima. **A auto-imagem do profissional bibliotecário na sociedade contemporânea**: estudo de caso no município de Salvador – BA. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SILVA, Edna Lúcia da; CUNHA, Miriam Vieira da. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ciência da Informação**, Brasília, v.31, n.3, set./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 26 abr. 2009.

SILVA, Alda Lima da ; GOMES, Henriette Ferreira. O fazer bibliotecário na percepção do profissional na contemporaneidade: um estudo na cidade de Salvador – Bahia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 11, 2010, Rio de Janeiro, RJ. **Anais eletrônico...** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://congresso.ibict.br/index.php/enancib/xienancib>>. Acesso em: 28 out. 2010.

SILVA, Magali Lippert da; MORIGI, Valdir José. Representações das práticas e da identidade profissional dos bibliotecários no mundo contemporâneo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 9, 2008, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo, 2008. 1 CD ROM.

SIMMEL, Georg; MORAES FILHO, Evaristo de. (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SOARES, Dulce Helena Penna. **O jovem e a escolha profissional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

SOARES, Dulce Helena Penna. **O que é escolha profissional**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.



SOUZA, Francisco das Chagas de. O nome profissional “bibliotecário” no Brasil: o efeito das mudanças sociais e econômicas dos últimos anos do século XX. **Enc. Bibli.** R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n.18, 2º sem. 2004. p.90-106. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/161/5475>>. Acesso em: 15 ago. 2010.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, v.21, n.73, Dez./2000. p. 209- 244. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

TARGINO, M. G. Quem é o profissional da informação? **Transinformação**, Campinas, v. 12, n. 2, jul-dez. 2000, p. 61-69.

UDESC. Centro de Ciências da Educação. **Reformulação Curricular e Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia: Habilitação Gestão da Informação**. Florianópolis, jun. 2007. Disponível em <[http://www.portalfaed.udesc.br/userimages/2010/PPC\\_Biblio\\_2007.pdf](http://www.portalfaed.udesc.br/userimages/2010/PPC_Biblio_2007.pdf)>. Acesso em 11 jan. 2011.

UDESC. **Cursos de Graduação**. Florianópolis, 2010. Disponível em: <[http://www.udesc.br/make\\_page.php?id=66](http://www.udesc.br/make_page.php?id=66)>. Acesso em: 01 dez. 2010.

UDESC. **Curso de Graduação em Biblioteconomia (Habilitação em Gestão da Informação)**. Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://portalfaed.udesc.br/modules.php?name=Conteudo&pid=12>>. Acesso em: 01 dez. 2010.

UDESC. **Vestibular 2009**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <[http://antigo.vestibular.udesc.br/main.php?sl=vestibular\\_2009\\_1](http://antigo.vestibular.udesc.br/main.php?sl=vestibular_2009_1)>. Acesso em: 12 dez. 2010.

UDESC. **Vestibular 2009**. Florianópolis, 2008. Disponível em:  
<[http://antigo.vestibular.udesc.br/main.php?sl=vestibular\\_2008\\_1](http://antigo.vestibular.udesc.br/main.php?sl=vestibular_2008_1)>.  
Acesso em: 12 dez. 2010.

UFSC. **Histórico do Departamento de Ciência da Informação**.  
Florianópolis, 2010. Disponível em:  
<<http://www.cin.ufsc.br/apresentacao.php>>. Acesso em: 01 dez. 2010.

UFSC. **UFSC 50 Anos: Trajetórias e Desafios**. Florianópolis: UFSC,  
2010. Disponível em  
[http://www.agecom.ufsc.br/files/2010/12/Livro\\_UFSC50Anos\\_2010\\_w eb.pdf](http://www.agecom.ufsc.br/files/2010/12/Livro_UFSC50Anos_2010_w eb.pdf). Acesso em 28 dez. 2010.

UFSC. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.  
**Objetivo**. Florianópolis, 2010. Disponível em:  
<<http://www.cin.ufsc.br/pgcin/objetivo.php>>. Acesso em: 13 dez. 2010.

UFSC. COPERVE. **Vestibular 2009**: possibilidades para a vida.  
Florianópolis, 2009. Disponível em:  
<[http://www.vestibular2009.ufsc.br/relatorio/Relatorio\\_Oficial\\_V2009.pdf](http://www.vestibular2009.ufsc.br/relatorio/Relatorio_Oficial_V2009.pdf)>. Acesso em: 13 dez. 2010.

UFSC. COPERVE. **Vestibular 2008**: formando gerações desde 1960  
Florianópolis, 2008. Disponível em:  
<[http://www.vestibular2008.ufsc.br/relatorio/Relatorio\\_Oficial\\_V2008.pdf](http://www.vestibular2008.ufsc.br/relatorio/Relatorio_Oficial_V2008.pdf)>. Acesso em: 13 dez. 2010.

UFSC. **Currículo do Curso de Biblioteconomia**. Disponível em:  
<[http://www.cin.ufsc.br/curriculo\\_2005.pdf](http://www.cin.ufsc.br/curriculo_2005.pdf)>. Acesso em: 11 dez. 2010.

UFSC. **Revista UFSC 45 anos**. Florianópolis, 2005. Disponível em:  
<[http://antiga.ufsc.br/paginas/downloads/revista\\_ufsc\\_45anos\\_2005.pdf](http://antiga.ufsc.br/paginas/downloads/revista_ufsc_45anos_2005.pdf)>.  
>. Acesso em: 11 dez. 2010.

VERNIÈRES, M. **L'Insertion Professionnelle**: Analyses et Débats. Paris: Econômica, 1997.

VIANNA, Jaqueline Abreu; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. Questões sobre a identidade e a socialidade no trabalho informacional mediado pelas tecnologias da informação e da comunicação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 10, 2009, João Pessoa, PB. **Anais...** João Pessoa, 2009. 1 CD ROM.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade**: estudos. João Pessoa, v.17, n.3, set./dez.2007, p.27-38. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/962/1583>>. Acesso em: 11 set. 2009.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles ; BAPTISTA, Sofia Galvão. Formação profissional do bibliotecário. **Enc. Bibli.** R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n.25, 1º sem. 2008. p.84-103. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1156>>. Acesso em: 10 fev. 2010.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. Representações profissionais dos bibliotecários no brasil. **BIBLIOTEMAS**, Brasília. 2008. Disponível em: <<http://bdjur.stj.gov.br/xmlui/bitstream/handle/2011/22152/Palestra.pdf?sequence=2>>. Acesso em: 10 maio 2010.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. **Bibliotecários no Brasil**: representações da profissão. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2008. 345 f.

WHITAKER, Dulce. **A escolha da carreira**. 1.ed. São Paulo: Moderna, 1985.

## BIBLIOGRAFIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo. Profissional da informação: entre o espírito e a produção. In: VALENTIN, M.L.P. (Org.). **O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. p.31-51.

ANDRADE, Maria Antônia Alonso de. A identidade como representação e a representação da identidade. In: MOREIRA, Antonia S. P. ;OLIVEIRA, Denize C. de. **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 1998. p.141-149.

BANOV, Márcia R. **Ferramentas da Psicologia Organizacional**. São Paulo: CenaUn, 2002. p.51-58.

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. Para onde vai a classe média: um novo profissionalismo no Brasil? **Tempo Social: Rev. Sociol. USP**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 129-142, maio 1998.

BASSIT, Ana Zahira; CIAMPA, Antonio da Costa; COSTA, Márcia Regina da (Orgs). **Identidade: teoria e prática**. São Paulo: EDUC, 1985.

BORGES, M.A.G. O profissional da informação: somatório de formações, competências e habilidades. In: BAPTISTA, S. G.; MUELLER, S. P.M. **Profissional da informação: o espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus, 2004, p.55-69.

DUBET, François. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

FELIPE, , A. A. C. BANDEIRA, C. A. G. SANTOS, E. I.. Identidade e Crise de Identidade: a realidade da Biblioteconomia brasileira. In:

SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008. 1 CD-ROM.

JANNUZZI, P. M.; MATTOS, F. A. M. Duas décadas de conjuntura econômica, de (des)emprego industrial e de inserção dos profissionais da informação no mercado de trabalho. **Transinformação**, Campinas, v. 13, n. 2, p. 111-129, jul./dez. 2001.

LÉVY, Pierre. O ciberespaço como um passo metaevolutivo. IN: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Orgs.). **A genealogia do virtual** : comunicação, cultura e tecnologias do imaginário. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LOUREIRO, Mônica de Fátima. JANNUZZI, Paulo de Martino. Profissional da informação: análise da inserção no mercado de trabalho brasileiro segundo dados do censo demográfico de 2000. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6, 2005, Florianópolis, SC. **Anais...** Florianópolis, 2005. 1 CD ROM.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). ). In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org.). **Para navegar no século XXI** : tecnologias do imaginário e cibercultura. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p.20-32.

MARINHO, Marcelo Jacques M. Da Cunha. **Profissionalização e credenciamento**: a política das profissões. Rio de Janeiro: SENAI, 1986.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. A formação do bibliotecário: os estudos de carreira e a metodologia (auto)biográfica: campos emergentes de pesquisa. **Transinformação**, v.11, n.1, p.39-45, jan./abr. 1999,

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 20.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MOREIRO GONZALEZ, J. A. Mercado de trabajo y competencias profesionales en Biblioteconomía y Documentación: técnicas aplicables a su investigación. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.8, .1, 1998.

MODESTO, Fernando. **O Bibliotecário e o mercado de trabalho: alguns comentários**. São Paulo: APB, 1997.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; BAPTISTA, Sofia Galvão. Mercado de trabalho do bibliotecário em Brasília: estudo das características e da evolução dos empregos ocupados pelos profissionais formados pelo curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade de Brasília. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19, 2000, Porto Alegre, RS. **Anais eletrônico...** Disponível em <<http://www.dici.ibict.br>>. Acesso em: 22 de setembro de 2010.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; BAPTISTA, Sofia Galvão. **Profissional da informação: o espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus, 2004.

OLIVEIRA, Ely Francina Tannuri de; et al. A situação ocupacional dos egressos do curso de biblioteconomia da UNESP/Marília. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 9, 2008, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo, 2008. 1 CD ROM.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade**: etnia e estrutura social. São Pulo: Pioneira, 1976.

PARENTE, André (Org.). **Tramas da rede** : novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas de comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004, p.17-38.

PIRES, Álvaro P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.154-211.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.215-253.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SACRISTÁN, J. Gimeno ; GOMÉZ, A. I. Pérez . **As funções sociais da escola**: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SALGADO, Denise Mancera ; BECKER, Patricia. O bibliotecário no olhar do público escolar. **Encontros Bibli**, 6, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, set. 1998. Disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/18/5033>. Acesso em: 16 de dezembro de 2010.

SETTON, Maria da Graça J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social** - Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v.17, n.2, nov. 2005, p. 335-350. Disponível em



<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial>. Acesso em: 17 de dezembro de 2010.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Família, escola e mídia : um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**. v..28, n.1, São Paulo, Jan./Jun. 2002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022002000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022002000100008&script=sci_arttext). Acesso em: 18 dez. 2010.

SOUZA, F. das C. de. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 23-34, jan./jun. 2006.

VALENTIM, Martha (Org.). **Profissionais da informação: formação e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000.

VIANNA, Jaqueline Abreu; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. Questões sobre a identidade e a socialidade no trabalho informacional mediado pelas tecnologias da informação e da comunicação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 10, 2009, João Pessoa, PB. **Anais...** João Pessoa, 2009. 1 CD ROM.



## APÊNDICES



## APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO E SOLICITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO

Prezado (a) bibliotecário (a),

Sou Daniela F. Assis de Oliveira Spudeit, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Área de Concentração Profissionais da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como a socialização contribui para o processo de construção da identidade do bibliotecário a partir da identificação dos elementos que despertaram o interesse dos bibliotecários pela profissão, as formas de inserção do bibliotecário no mercado de trabalho e o modelo de profissão construído durante a socialização.

A sua participação não é obrigatória e a qualquer momento será possível desistir de participar da pesquisa e retirar o seu consentimento. A sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e assegurado o sigilo sobre a sua participação, pois seu nome não será divulgado.

Isto posto, solicito sua participação em minha pesquisa por meio de uma entrevista que será gravada, ao mesmo tempo em que me disponibilizo para prestar todo e qualquer esclarecimento que se faça necessário.

Florianópolis, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Atenciosamente,

---

Daniela F. A. Oliveira Spudeit  
Pesquisadora

---

Miriam F. Vieira da Cunha  
Orientadora



**APÊNDICE B -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E  
ESCLARECIDO**

Eu,

---

aceito participar da Pesquisa da Mestranda Daniela F. Assis de Oliveira Spudeit, de forma livre e espontânea, observados o conteúdo informado e o compromisso firmado pela pesquisadora na “Carta de Apresentação e Solicitação de Participação” anexa.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

(Sujeito da Pesquisa)





## APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO  
MESTRANDA DANIELA F. A. OLIVEIRA SPUDEIT  
ORIENTADORA MIRIAM VIEIRA DA CUNHA

### ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Sujeito (nome fictício): \_\_\_\_\_  
Entrevista Nº \_\_ Data : \_\_/\_\_/\_\_ Horário de início: \_\_ Término\_\_  
Local: \_\_\_\_\_

#### **Parte 1 – Informações sobre os sujeitos**

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_  
Instituição onde se formou: ( ) UFSC ( ) UDESC  
Formação Complementar à graduação? ( ) Sim ( ) Não  
Quais? \_\_\_\_\_  
Atividade principal atual: \_\_\_\_\_  
Tipo de local de atuação: \_\_\_\_\_  
Tempo de trabalho neste local: \_\_\_\_\_  
Outras atividades laborais? ( ) Sim ( ) Não  
Quais? \_\_\_\_\_  
Trabalhou em outros lugares antes do atual? ( ) Sim ( ) Não  
Locais/Quais os trabalhos desenvolvidos? \_\_\_\_\_

#### **Parte 2 – Questões norteadoras**

- 1) O que despertou seu interesse para ser bibliotecário?
- 2) De que maneira ocorreu sua inserção no mercado de trabalho como profissional?
- 3) Antes de se tornar bibliotecário, você tinha um modelo ideal?  
Descreva este modelo.
- 4) Em relação ao modelo de profissional, o que mudou na sua percepção desde seu ingresso na profissão e atualmente?
- 5) Atualmente, você pensa que criou um modelo para si ou incorporou um modelo profissional?